

Sesinho

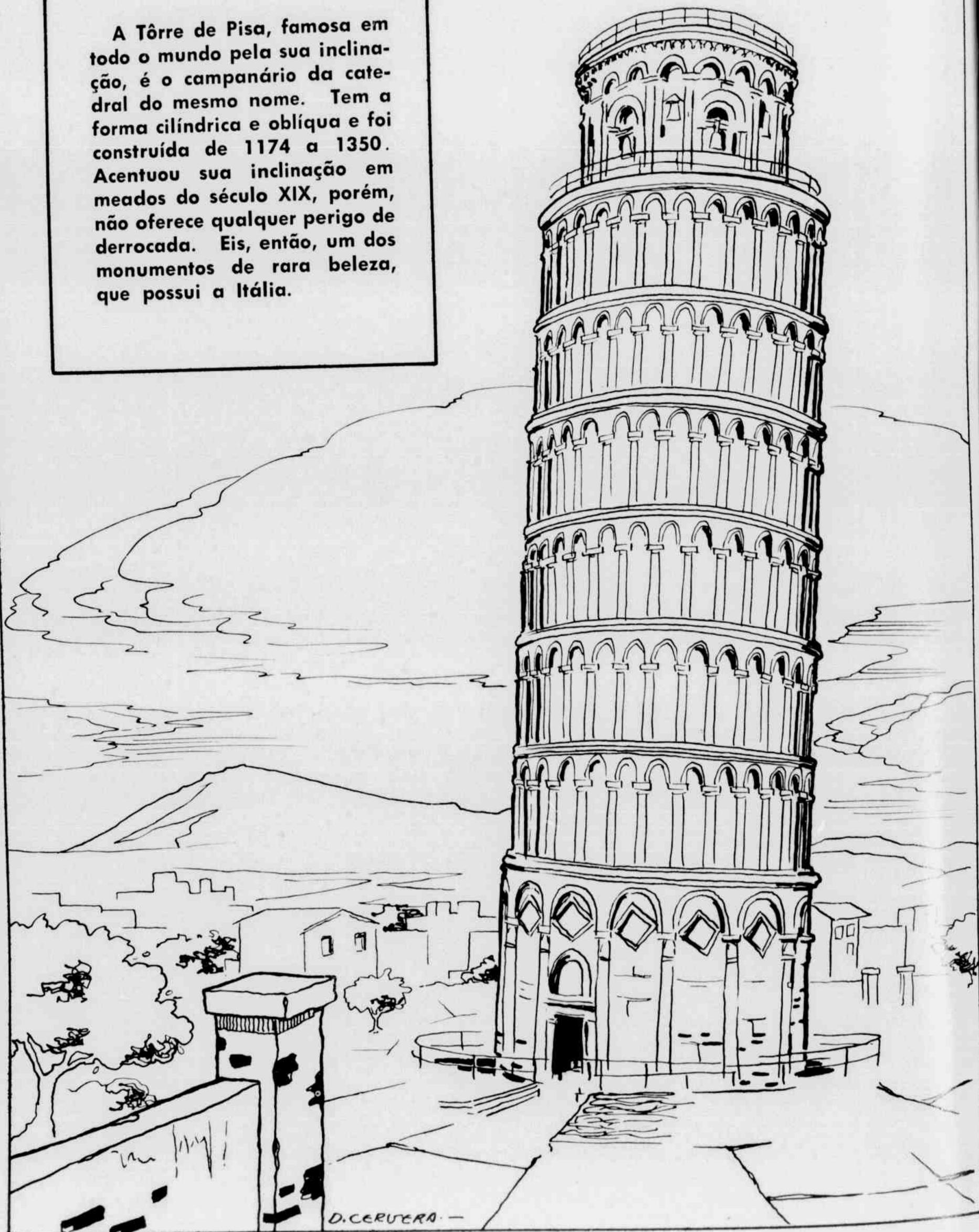
REVISTA ★ INFANTIL

Nº 142
OUTUBRO
1959
CR\$ 5,00



a tôrre de Pisa

A Tôrre de Pisa, famosa em todo o mundo pela sua inclinação, é o campanário da catedral do mesmo nome. Tem a forma cilíndrica e oblíqua e foi construída de 1174 a 1350. Acentuou sua inclinação em meados do século XIX, porém, não oferece qualquer perigo de derrocada. Eis, então, um dos monumentos de rara beleza, que possui a Itália.





Semana da Criança

Neste mês de outubro, meus queridos netinhos, temos três comemorações importantes: Descoberta da América, Semana da Criança e Dia do Professor.

A primeira, no dia 12, a segunda, de 6 a 12, pois dia 12 de outubro é justamente o Dia da Criança, e a terceira, no dia 30.

Para festejar-se a Descoberta da América e o Dia do Professor vocês poderão organizar um auditório com representações e recitativos próprios para essas datas, pois a primeira é nada mais que uma recordação, e a outra uma festa de homenagem e de gratidão.

A Semana da Criança, porém, deve ser celebrada de outra forma. Não será apenas uma semana de festas. Ela não foi criada só para que as crianças ganhem presentes e sejam mais mimadas nesses dias.

A Semana da Criança tem por finalidade chamar a atenção dos adultos para os problemas da infância. O assunto é tão importante que não bastou um dia — como para as outras comemorações — foi instituída uma semana.

Porém, mais do que do adulto, meus queridos netinhos, deve a Semana da Criança merecer a atenção da própria criança. Esta precisa ser alertada no sentido de compreender o seu valor. E é sobre isto que, hoje, quero conversar com vocês.

O Brasil necessita de filhos fortes e instruídos. Vocês, meus netinhos, como toda criança brasileira, precisam cuidar da saúde e estudar muito, para que a próxima safra de adultos em nosso país esteja à altura de conduzir bem os destinos de nossa Pátria.

É a vocês que os homens de hoje vão confiar o Brasil de amanhã. Estejam, pois, preparados, queridos netinhos. A tarefa é importante e difícil.

Pensem em tudo isto durante a Semana da Criança e prometam, firmemente, cada qual a si mesmo, cuidar da saúde — alimentando-se bem e evitando doenças — e estudar bastante — cumprindo os deveres escolares.

Assim, serão os meus netinhos os filhos de que o Brasil precisa.

A todos vocês, um grande abraço do

Vovô Felício

O SESI PELO BRASIL



Flash colhido por ocasião em que os membros dos Clubes "Pequenas Donas de Casa" e "Sesinho", dançavam um "Chote" em volta da Fogueira.



Foto colhida por ocasião da chegada dos noivos, vendo-se com nitidez o Padre, o Sacristão e os pais da noiva, montados em jumentos, enquanto que o Coronel, Juiz, Padrinhos e Convidados, encontram-se nas carroças.

EM CAXIAS

A Seção de Serviço Social do Núcleo Regional do SESI, em Caxias, Estado do Maranhão, com a participação do "Clube dos Sesinhos" e das "Pequenas Donas de Casa", realizou bonita festa junina, na sede da "União Artística Operária Caxiense".

Da interessante festa, damos três animados flagrantes.



Flagrante colhido momentos após o casamento Civil e Religioso.

Zeca



POP

SÉRIE QAGE

EU SOUBE QUE SEU PAI SOFREU UM ACIDENTE...

É VERDADE...

COISA GRAVE?

O DOUTOR DISSE...

... QUE DENTRO DE UM MÊS ÊLE ESTARÁ ANDANDO À PÉ!

ENTÃO NÃO HÁ MOTIVO PARA VOCÊ FICAR PREOCUPADO!

COMO NÃO!? DO MODO QUE AS COISAS VÃO, ACHO QUE PAPAI ESTARÁ ANDANDO À PÉ MUITO ANTES DE UM MÊS!

NÃO ENTENDO?

ÊLE TEVE QUE VENDER O CARRO PARA PAGAR A CONTA DO MÉDICO!



A LALACA

INSATISFE

Conto de Valiama

D

ESDE o dia em que se entendeu por gente, ela vivia naquele galho de árvore.

Acordava quando a brisa frésquinha da madrugada começava a balouçar a fôlha que lhe servia de leito. Então, curvava o corpo delicado até transformá-lo num rolinho e, dormitando, deixava-se embalar preguiçosamente, gozando os últimos instantes da penumbra da noite. Só quando sentia o calor gostoso do primeiro raio de sol é que começava a esticar, bem devagarinho o corpo delgado, expulsando o resto de sono. Erguia então a cabecinha. Espiava de um lado, espiava do outro. Tudo era já movimento febril em tórno dela. As abelhas, sempre tão cheias de dignidade, passavam voando junto à sua fôlha, com as belas asas cheias de luz. Gostava de ouvir o zumbido grave das abelhas e, muitas vèzes, chegava até as bordas da fôlha, só para admirar a variedade de côres que o sol arrancava de suas asas.

Quanto às formigas, já não as apreciava tanto. Ao vê-las passar pelo tronco, sempre muito apressadas, uma após outra, pensava:

— Animaisinhos estúpidos. Não sabem cantar, não são bonitas e, mesmo assim não dão confiança a ninguém. Por que será que trabalham dia e noite sem descanso?

Gostava também dos pássaros, mas tinha-lhes um pouco de medo. Eram tão inquietos, tão estouvados! Nunca olhavam onde pousavam e, quando levantavam vôo, aos bandos, balançavam tanto as fôlhas que a lagartinha precisava de agarrar-se para não cair.

— Como o mundo é grande! exclamou ela, levantando mais a cabecinha para olhar pelo galho a fora, até onde sua vista alcançava.

Já prometera a si mesma, muitas vèzes, que haveria de caminhar pelo galho acima até o fim e assim ficaria conhecendo todo o mundo. Mas sempre desanimava, muito antes de chegar ao meio do caminho. Quando percebia que não agüentava mais dar um passo, tão exausta estava, procurava consolar-se exclamando:

— Ah, como é grande o mundo e como eu sou tão pequenina!

Naquela manhã, ela não sentia disposição para tentar, mais uma vez, a caminhada para conhecer o mundo. Depois de sua refeição matinal, que consistia de minús-

(Continua na pág. 8)

TINHA

A



culos bocados de um brotinho muito tenro que ia buscar, duas fôlhas além da sua, ela se deixou ficar muito quieta. Encostou a cabeça num tronquinho sêco e ficou observando o vaivém do bosque. Todos pareciam tão ocupados. Dois beija-flôres, dêste tamaninho e lindos, lindos, iam e vinham, muito atarefados, carregando ora uma penugem, ora um raminho sêco. Paravam no ar, aqui e acolá, para confiarem segredinhos um ao outro e continuavam o vôo agitado, soltando gritinhos de alegria.

— Por que estarão tão alegres êstes dois bobinhos? — inquiriu a si própria a lagartinha e mudou de posição para que pudesse seguir com os olhos o vôo do casal feliz. Êles se perdiam numa touceira de fôlhas, para de lá tornarem a sair, instantes depois. Sumiam no bosque e voltavam carregando outras penugens e outros galhinhos secos.

Uma formiga, bem pequenina, passou por ela, tôda apressada. A lagartinha sentiu vontade de perguntar-lhe o que fazia de tão importante que precisava assim de tanta urgência.

— Bom dia, formiguinha escura.

Mas a malcriada fingiu que não ouviu e continuou sua carreira pelo tronco a fora como se fôsse buscar remédio para uma companheira agonizante. A lagartinha viu-a sumir-se na distância e, de repente, sem saber porque ficou muito triste.

— Todos se ocupam com alguma coisa. Todos trabalham. Só eu vivo à-toa.

Era preciso reagir. Gostaria de saber o que faziam todos, a fim de que, também ela, pudesse se dedicar a alguma tarefa.

Uma abelha pousou bem perto dela para uns breves instantes de descanso, pois trazia as pernas pesadas de cêra. A lagartinha aproveitou a ocasião.

— Bom dia, abelhinha dourada.

A abelha respondeu ao cumprimento, arfando de cansaço.

— Que está você fazendo?

— Carrego cêra para fazer o nosso favo.

— E para que serve êsse favo?

— Para juntar o mel.

— E para que serve o mel?

— Para alimentar as nossas irmãzinhas que vão nascer.

— Ah! murmurou a lagartinha cheia de compreensão e quando a abelha levantou vôo, sentiu-se ainda mais triste.

Cheia de desânimo, foi-se arrastando vagarosamente pelo tronco e pensava... e pensava... Não sabia fazer favos de mel. Não sabia como esperar irmãs. As formigas carregavam torrõesinhos na cabeça, carregavam pedaços de fôlhas, às vêzes, tão grandes que chegava a sentir mal-estar só em olhá-las. Por certo deveriam estar também preparando o lugar para a vinda de suas irmãs. E o casal de beija-flôres? Êles também carregavam penugens e raminhos. Seria para o mesmo fim? Por certo que haveria de ser. A cabeça minúscula da lagartinha doía de tanto pensar e ela continuava vagarosamente a sua caminhada.

Ouviu um som rouco e já ia perdendo a força de tanto susto, quando reconheceu a voz de sua vizinha que morava num ôco do tronco, um pouco abaixo de sua fôlha.

— Psiu, lagartinha! — a voz era áspera mas amiga. — Por que está assim tão pensativa?

— Estou muito triste, coruja cinzenta.

A coruja havia-se inclinado bastante para falar com ela e pôde ver perfeitamente duas lágrimazinhas nos olhos da lagartinha.

Apesar de ser muito superior a todos por sua grande sabedoria, a coruja sabia também ser bondosa, quando não estava por demais absorvida nas suas indagações filosóficas.

— Ora, ora, minha pequena. E por que haveria de estar assim tão triste?

Não havia nem sombra de motejo na pergunta da coruja, pois ela, como tôdas as criaturas realmente sábias, sabia dar importância às dores dos seres pequeninos. Contudo, a resposta quase balbuciada da lagartinha, surpreendeu-a bastante.

— Porque sou uma inútil, coruja cinzenta.

O velho pássaro, apesar dos seus longos anos de estudos e de experiências com as coisas da vida, arramou seu corpo volumoso no ôco do pau, quase acreditando não ter ouvido direito. — Onde já se viu uma pequena lagarta com tais pensamentos! — pensou ela e arrematou, eeticamente: — Quanto mais a gente pensa que conhece o mundo... Mas, justamente porque era muito sábia, concluiu depressa que, apesar do tamanho de sua interlocutora, seu problema era tão grande como o mundo. Por isso deu-lhe o justo preço.

— Minha boa criaturinha, nada é inútil debaixo do céu.

— Eu sou, retorquiu-lhe o fio de voz, cheia de desalento. — Todos fazem alguma coisa. Todos trabalham para a vinda de suas irmãzinhas. Só eu não sei fazer nada. Só eu não tenho uma irmãzinha para esperar.

A coruja perguntou a si própria como seria possível explicar àquele animalzinho tão pequeno um assunto tão complexo. Mediu bem suas palavras, muito embora duvidasse de que seriam compreendidas perfeitamente.

— Tudo tem sua hora, minha filha. O simples fato de viver já é desempenhar uma árdua tarefa, uma tarefa muito importante. O que a gente tem que fazer aparece a seu tempo.

— Já estou cansada de esperar, coruja cinzenta. Não sirvo mesmo para nada. Sinto tanta vontade de morrer!

— Ora, ora, criaturinha! — interrompeu-a a coruja, complacente. — Na natureza tudo acontece no seu tempo exato, sem pressa e sem falha. As coisas não consultam a gente se podem acontecer. Acontecem... simplesmente. Espere e, enquanto isto, contente-se em ir vivendo mansamente — o que, em outras palavras quer dizer, ir morrendo devagar.

De fato, a lagartinha não entendeu palavra do que a coruja lhe disse. Mas como era gentil, assim mesmo agradeceu e seguiu seu caminho, com a cabeça ainda mais baixa, monologando:

— Que jeito senão ir vivendo?

A coruja ficou muito tempo observando o arrastar desanimado daquela criaturinha e, depois que ela já estava bem longe, permitiu a si própria um discreto sorriso, não de zombaria, mas de sabedoria infinita.

Os tempos passaram. A lagartinha, certa manhã, ao acordar, observou que a sua fôlha, outrora tão macia, estava ficando endurecida e de verdinha que era, já agora franjava-se de amarelo. Doe-lhe muito abandoná-la mas, como diversas fôlhas próximas à sua haviam também ficado amarelas e caído ao chão, temeu que o mesmo acontecesse com o seu leito e resolveu trocá-la por outra. Andou, andou e por mais que espichasse a cabeça, não conseguiu encontrar sequer outra fôlha verde. As que ainda restavam, pareceram-lhe iguais ou piores que a sua.

Sem as fôlhas, o vento tinha caminho livre e passava rápido, fustigando nervosamente tudo o que encontrava pela frente. Deixava gelados os lugares por onde andava.

A lagartinha ficou bastante atemorizada. Já não ouvia mais com tanta freqüência o zumbido grave e melodioso das abelhas. Os pássaros ficaram quietos e pipilantes, juntinhos, lá nas grimpas da árvore. Os mais velhos, reunidos num galho, discutiam gravemente os planos para uma grande viagem. Só as formigas continuavam nas mesmas caminhadas apressadas, levando torrõesinhos na cabeça.

— Acho que vou morrer de frio — murmurou a lagartinha. — Não tenho mais cama. Não tenho para onde ir...

Resignada, enrolou-se bem num pequeno buraco formado pela saliência da casca da árvore e deixou-se ficar muito quieta, esperando a morte.

Passado algum tempo, sem que ela mesma pudesse explicar, foram-se formando tênues fios em volta do seu corpo. Êsses fios aumentaram, aumentaram até que a cobriram completamente. Ela não conseguiu mais se mexer. Já não enxergava mais coisa alguma. Porém estava quietinho lá dentro e isto dava-lhe uma sonolência que se não era de todo vida, estava muito longe de ser morte.

O frio aumentava dia a dia. O vento zunia, arrebatando os galhos secos da árvore, agora sem uma única

(Conclui na pág. 10)

DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

WALTER NIEBLE DE FREITAS



É de Cristóvão Colombo
A história que eu vou contar.
Tenho certeza, colegas,
Que vocês irão gostar.

Entre tôdas as histórias,
Não há, nem uma, talvez,
Que tenha tanta bravura
Como esta do genovês.

O mundo para Colombo
Tinha a forma de **uma esfera**.
E, de outro lado, as Índias
Estavam à sua espera.

Queriam os portugueses
Atingi-las pelo leste,
Mas Colombo prometia
Alcançá-las pelo oeste.

É um louco, diziam todos
Ao filho do tecelão,
Dizer que o mundo é
[redondo!
Ele perdeu a razão.

Depois de ser desprezado
Na própria terra natal,
Colombo pediu auxílio
Para os reis de Portugal.

Não obtendo recursos
Para empreender a façanha,
Dirigiu-se o navegante
Aos soberanos da Espanha.

Com muito custo, o trono,
Três navios lhe destina,
Um maior, Santa Maria,
Dois menores, Pinta e Niña.

Levando no coração
Os reis Fernando e Isabel,
Colombo partiu de Palos
Para uma viagem cruel.

Enfrentou a tripulação
Que só o chamava de louco,
Passou os maiores tormentos,
Para morrer faltou pouco.

Enfim, a 12 de outubro,
O milagre aconteceu.
Soberbo, um novo mundo
A Colombo apareceu.

Era a América, colegas,
Este grande continente
Que um genovês arrojado
Ao mundo deu de presente.

O JABUTI E A ANTA DO MATO



AVIA na mata um Jabuti e uma Anta. O Jabuti era bem pequeno e a Anta muito grande. Viviam em paz e pareciam amigos. Um dia, a Anta, valendo-se da superioridade física, pensou que poderia impor sua vontade ao Jabuti. Mas o bichinho era altivo e não se submeteu ao jôgo da companheira. Ela ficou desapontada com a revolta do quelônio e resolveu dominá-lo ao poucos. Sempre que podia, implicava com êle.

Certa vez, estava o bichinho debaixo de um "taperebá", árvore que dá uma fruta de que os animais gostam muito, quando apareceu a Anta. O

pobrezinho juntava algumas frutas para levar para casa e ficou abismado ao ouvir a Anta dizer:

— Saia daí, seu vagabundo. Quem lhe deu ordem para apanhar essas frutas? Você não sabe que êsse taperebá é meu?

— Nada disso — protestou o Jabuti. — O taperebá não tem dono e estas frutas pertencem a quem apanhá-las primeiro.

— Pois olhe — disse a Anta — se você não deixar essas frutas aí, no chão, eu piso você.

O Jabuti, que não tinha medo de conversa fiada, respondeu:

— Isso você não pode fazer; nossa lei não permite.

— Não permite, não é? Vou mostrar-lhe quem manda aqui.

E, sem dar tempo a que o animalzinho fugisse, pisou-lhe em cima, enterrando-o na terra mole.

Só no dia seguinte, com a chuva forte que veio, conseguiu o Jabuti safar-se de dentro da terra.

Saiu todo enlameado e seu primeiro pensamento foi castigar a Anta.

— Ela tem fôrça, mas tenho eu astúcia — pensou êle. Provarei meu valor! Se a Anta despreza a lei, porque é maior e mais forte, eu, apesar de pequeno, saberei castigá-la.

Antes da hora em que a Anta costumava beber água, o Jabuti foi ao rio, lavou o corpo, afiou bem as unhas numa pedra e voltou para debaixo do taperebá. Com as unhas aguçadas, furou um buraco bem fundo, dando pequena saída para o rio. Depois, tapou a bôca do buraco com ramos secos e ficou por cima, saboreando frutas.

Quando a Anta apareceu e viu o teimoso comendo as frutas do taperebá, gritou:

— Você não se emenda, não? Vou acabar com essa teimosia, bichinho impertinente. Desta vez nem a chuva o salvará.





— Quem é você para me proibir de comer frutas do taperebá? Esta árvore não tem dono; é de todos nós.

A Anta, furiosa, pisou com muita força sobre ele, para afundá-lo bem. Sua perna sumiu-se pelo buraco a dentro, acompanhando o Jabuti. Este, já prevenido, amarrou um cipó no pé da Anta e puxou a ponta até a saída do buraco, no rio. Depois, enrolou o cipó num galho sêco, bem forte, deixou-o atravessado na pequena saída e veio ver a prisioneira.

A Anta fez força para escapular do buraco, mas nada conseguiu; estava prêsa. Ficou danada

quando viu o Jabuti aproximar-se zombando dela:

— Não falei? Você não pode comigo, D. Anta. Mais do que a força vale a astúcia. Agora, a senhora fica aí até secar a sua carne ou apodrecer a corda. Enquanto isto, vou saborear as deliciosas frutas do taperebá.

A Anta, vendo-se perdida, acovardou-se e pediu:

— Amigo Jabuti, estou arrependida de ter tratado você tão mal. Reconheço meu erro e proponho que sejamos amigos, como, aliás, sempre o fomos. Solta a minha perna, que prometo nada lhe fazer de mal.



O Jabuti comeu mais uma fruta e, como tinha bom coração, resolveu pôr em liberdade a inimiga. Ela fôra bem castigada e devia estar mesmo arrependida, para humilhar-se tanto.

— Está bem, D. Anta, vou soltar a senhora; mas, me diga antes: de quem é o pé de taperebá?

— É seu, amigo Jabuti.

— Não, D. Anta, o pé de taperebá é de todos nós, não tem dono.

— É isso mesmo.

— As frutas são de quem as apanhar primeiro?

— Justamente. Eu concordo com tudo, amigo Jabuti!

Pensando que a Anta falava com sinceridade,

o bichinho se encaminhou para o rio e soltou a corda que amarrava o pé da prisioneira.

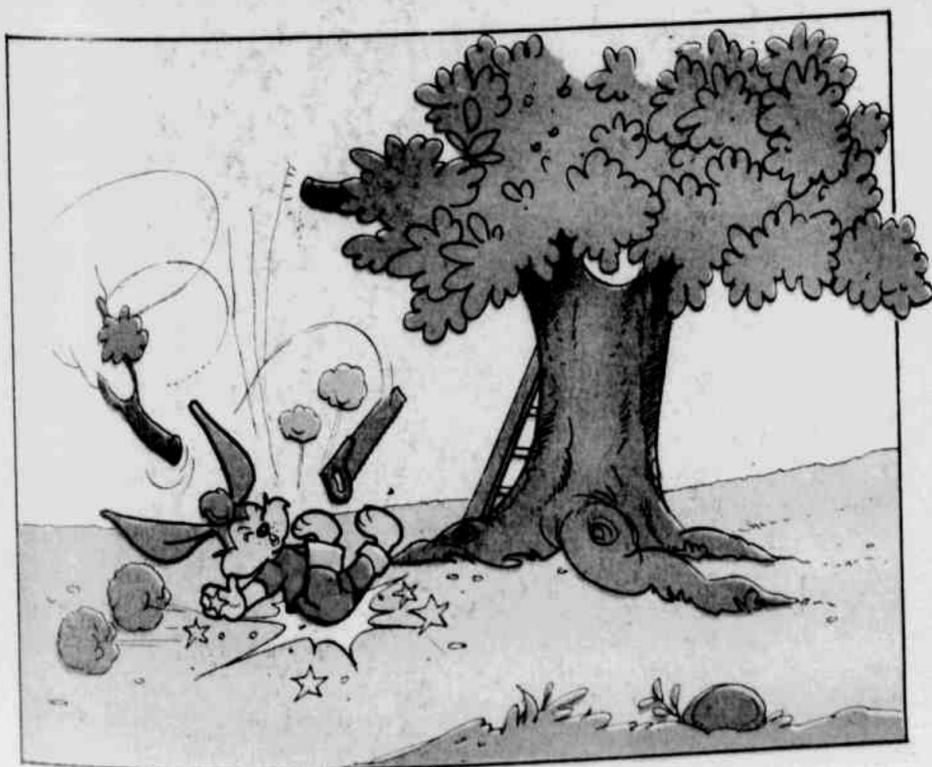
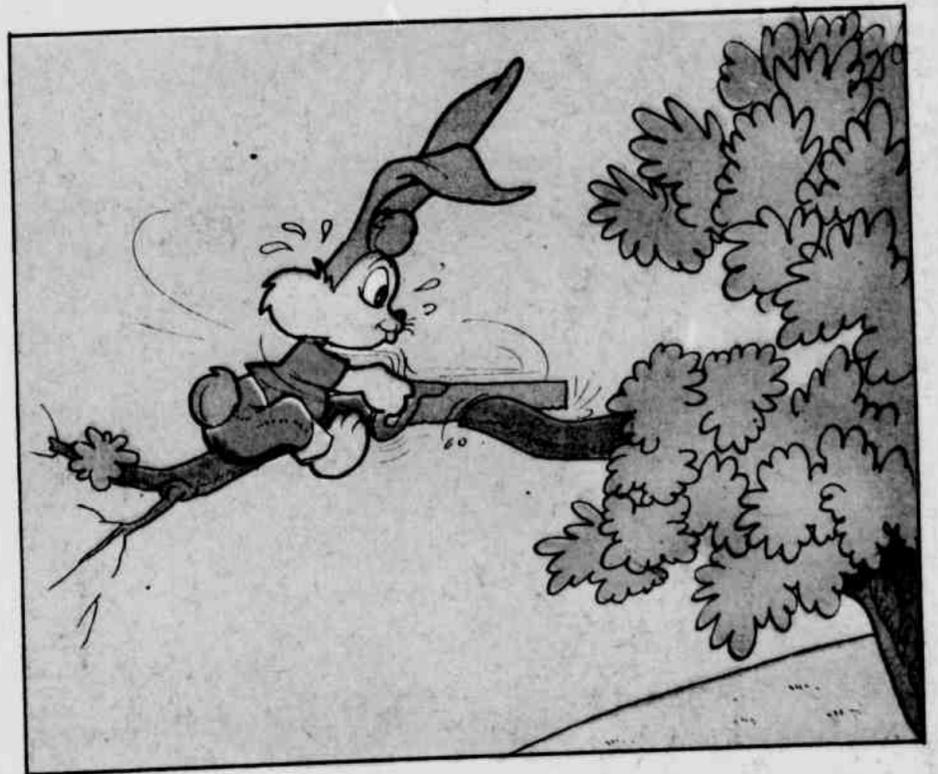
Assim que ela se viu livre, bufou e investiu contra o Jabuti. Ele, porém, estava na margem do rio e pulou para dentro d'água. A Anta saltou atrás, mas não conseguiu pegá-lo.

Mais tarde, estava o Jabuti sentado numa pedra, pensando:

— Fui um bôbo! Nunca se deve fiar nas aparências de humildade daqueles que usam a força como lei. Quando estão em perigo fingem-se arrependidos e prometem tudo. Agora, saberei como agir. Se prender novamente a Anta nunca mais a soltarei.

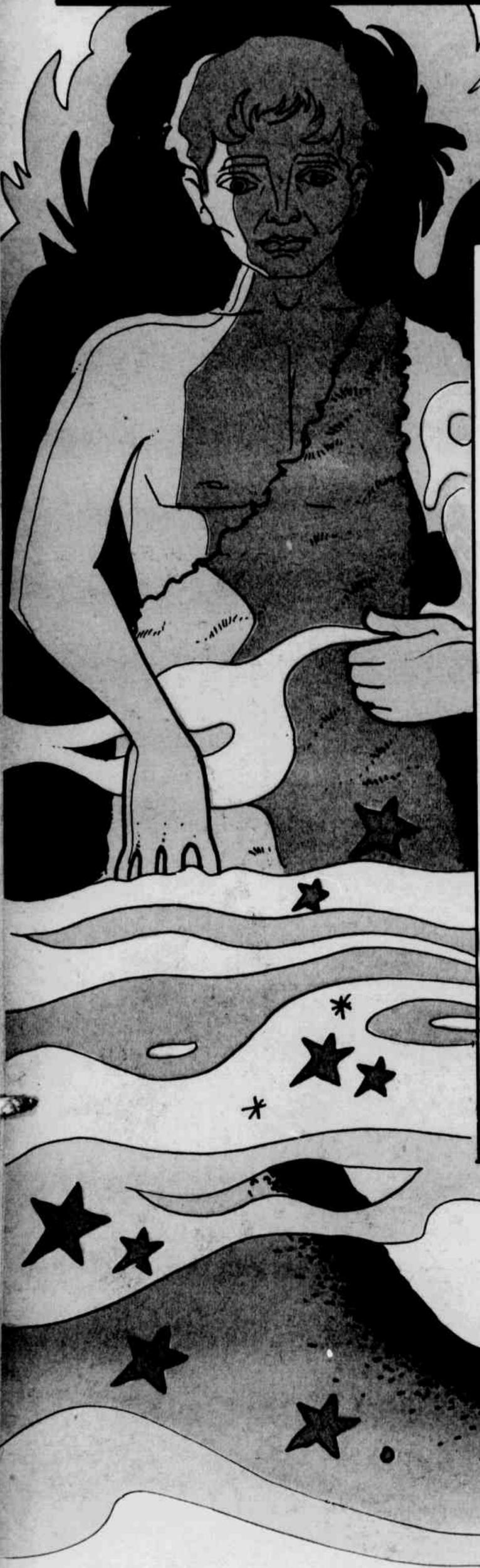
Malaião

UM COELHINHO DE SORTE



LENDAS BRASILEIRAS

O Gigante



S

E você chegar ao Rio de Janeiro pelo mar, há de notar uma coisa curiosa: nas serras que circundam a maravilhosa Baía de Guanabara há uma que tem a forma de um grande gigante adormecido. O vulto deitado é visivelmente delineado no horizonte, vendo-se nitidamente, a cabeça, o peito, as pernas etc.

Diz a lenda que há muitos e muitos anos, quando a nossa terra era somente dos índios, existia um gigante que habitava as nossas florestas e era o guardião da Baía de Guanabara. Certo dia, o gigante se apaixonou por uma linda índia. Esta não correspondeu a êsse amor, pois tinha dado o seu coração

PIEDRA

a um jovem guerreiro. Cheio de ciúmes, o gigante aprisionou a bela moça, que morreu de desgosto, desaparecendo nas águas azuis da Guanabara...

Tupã, diante de tanta crueldade, amaldiçoou o gigante e por castigo, transformou-o em pedra.

Dizem os pescadores que, às vezes, o gigante levanta-se e vaga sem destino. Para que ninguém note a sua ausência, junta as nuvens e cobre os morros.

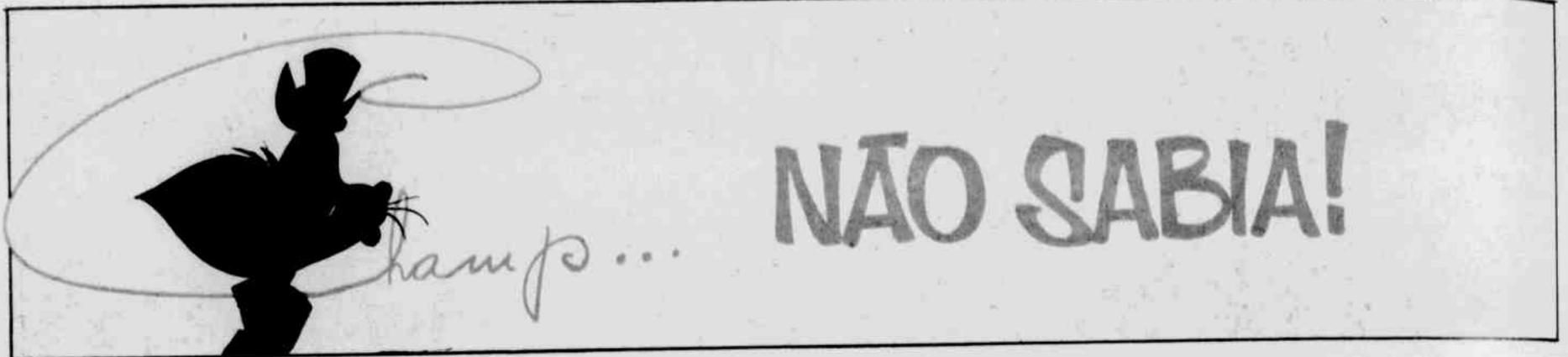
Para onde vai o gigante? Procura a índia pelos caminhos das estrelas... pelos vales distantes! Quando o nevoeiro passa é porque o gigante voltou e adormeceu, continuando a sonhar sob a luz do sol.



Champanhota

Por Jorelito

UM GATO BEM







DIA DO PROFESSOR

Peça em dois atos
de

VICENTE GUIMARÃES



- PRIMEIRO ATO



Cenário: — Salão de festas do Grupo Escolar ou Escola. Uma mesa com cadeiras. Um jarro de flôres vazio.

Personagens: — Marília, 4.º ano A; Helena, 4.º ano B; Cármen, 3.º ano A; Rute, 3.º ano B; Homero, 4.º ano A; Lauro, 4.º ano B; Rubens, 3.º ano A;

Vicente, 3.º ano B; Paulo, 2.º ano B; Margarida, 1.º ano A.

Grupo de alunos de tôdas as classes, Diretoras e Professôras.

ABERTURA: Quando o pano se abre, o palco está vazio. Marília, Helena, Cármen e Rute. Trazem, respectivamente, um atoalhado para a mesa, um buquê de flôres, um paninho bordado para pôr sob o jarro, e um cartaz. Entram conversando.

MARÍLIA: — Nossa festa vai ser maravilhosa; trouxe um lindo atoalhado para a mesa.

HELENA: — E com estas flôres, a mesa vai ficar muito bonita.

CÁRMEN: — Vejam o paninho rendado que eu trouxe para pôr debaixo do vaso (**ABRE O PANINHO E MOSTRA**).

MARÍLIA: — Um encanto! Foi você quem bordou?

CÁRMEN: — Eu e a mamãe. Ela ajudou um pouco.

RUTE: — Eu também trouxe um enfeite para a festa.

HELENA: — Que é? Mostre-nos.

RUTE: — Eis aqui, um cartaz (**DESENROLA O CARTAZ e MOSTRA-O**).

HELENA: — Que maravilha!

CÁRMEN: — (**LÊ**) — “Viva nossa Professôra, grande mestra e amiga!”

MARÍLIA: — Quem fêz o desenho?

RUTE: — Eu e Homero.

MARÍLIA: — Meus parabéns. Vocês desenharam uma professôra bem bonita.

RUTE: — Tôdas professôras são bonitas para seus alunos.

MARÍLIA: — Helena, segure aqui êste vaso. Vou estender o atoalhado na mesa.

(**MARÍLIA ESTENDE O ATOALHADO, CÁRMEN PÔE O PANINHO BORDADO, MARÍLIA COLOCA AS FLÔRES NO VASO**).

RUTE: — Os meninos estão demorando. Eles vêm colocar o cartaz na parede. (**ENTRAM HOMERO, LAURO, RUBENS E VICENTE. HOMERO E LAURO TRAZEM UMA PEQUENA ESCADA. RUBENS, UM MARTELO, ENQUANTO VICENTE VEM COM OUTRO CARTAZ**).

RUTE: — Arre! Pensei que vocês não viessem mais! Já está quase na hora da festa!...

HOMERO: — Não seja implicante, Rute. Ainda há muito tempo. Dê-me o cartaz; vou pregá-lo.

(**TOMA O CARTAZ DA MÃO DA MENINA**)

VICENTE: — Aqui trago um outro cartaz, que fiz para a festa. Vejam se vocês o aprovam. (**DESENROLA O CARTAZ**).

TÔDAS: — Que beleza! Muito bem!

MARÍLIA: — (**LÊ ALTO**) — “À querida Professôra, a gratidão e a amizade de seus alunos”.

HELENA: — A legenda está muito bonita.

CÁRMEN: — E o desenho também.

RUTE: — Preguem, então, os dois cartazes, um de cada lado.

(**ENQUANTO HOMERO E LAURO SEGURAM A ESCADA, RUBENS TREPA E PREGA OS CARTAZES, QUE LHE SÃO ENTREGUES POR VICENTE. QUANDO RUBENS ESTÁ ACABANDO DE PREGAR O ÚLTIMO CARTAZ, ENTRAM AMÉLIA E PAULO**).

AMELIA: — Que vocês estão fazendo aqui? —
 MARILIA: — Preparando o salão para a festa.
 PAULO: — Que festa?
 HELENA: — Você não sabe que hoje é o "Dia do Professor"?
 PAULO: — Sei, e então?
 VICENTE: — Então, vamos fazer uma festa em homenagem às nossas professoras.
 AMELIA: — Só vocês?
 RUTE: — Sim. É uma festa dos terceiros e quartos anos.
 PAULO: — Por que os segundos e primeiros não entram?
 AMELIA: — Nos não podemos tomar parte porque somos pequenos?
 MARILIA: — *EMBARAÇADA PARA DESCULPAR-SE* — Sim, nós não convidamos vocês porque a festa será de declamações. Vocês podiam não gostar.
 HELENA: — Isto mesmo. Vamos recitar várias poesias em homenagem às nossas professoras.
 PAULO: — E só por isso nós não podemos tomar parte?
 AMELIA: — Nós também sabemos recitar.
 RUTE: — E os alunos do primeiro ano?
 AMELIA: — Também sabem e são até muito agraduinhos.
 MARILIA: — Então, eu proponho que se aumente o programa com um aluno de cada classe de primeiro e segundo anos. Vocês concordam?
 TODOS: — Concordamos, sim.
 HELENA: — Vamos, então convidá-los.
 SAEM TODOS.

SEGUNDO ATO

CENARIO: O mesmo.

ABERTURA: No palco, um grupo de representantes de cada classe.

No centro da mesa, de pé, está Marília.

MARILIA: — Como presidente desta solenidade, convidei um representante de cada classe para compor a comissão que se encarregará de introduzir neste salão, as nossas homenageadas. *(CHAMAR NOMINALMENTE OS MEMBROS DA COMISSÃO, DE CADA GRUPO ADIANTA-SE O ALUNO CHAMADO. A COMISSÃO SAI E VOLTA TRAZENDO A DIRETORA E AS PROFESSORAS QUE SE SENTAM À MESA, AO LADO DE MARILIA. AS HOMENAGEADAS ENTRAM SOB UMA SALVA DE PALMAS)*.

MARILIA: — Tenha a palavra o aluno Homero, do 4º ano A, que falará em nome de todos os colegas.

HOMERO LEVANTA-SE, CHEGA DEFRENTE DA MESA, UM POUCO AO LADO, E FAZ O SEU DISCURSO:

HOMERO: — Senhora Diretora,
 Queridas Professoras.

Nesta data, em que se comemora o "Dia do Professor", não podiamos nós, os alunos desta Escola *(DAR O NOME DA ESCOLA)* deixar de reunir as nossas queridas mestras para trazer-lhes, numa sincera homenagem, a certeza de nossa amizade e de nossa gratidão.

Aqui estamos, Diretora e professoras, para dizer-lhes do quanto lhes somos agradecidos, pelo carinho, dedicação e interesse com que cuidam de nos nesta casa, onde aprendemos as primeiras letras e ensaiamos os primeiros passos na estrada bonita e iluminada do saber.

Em nome dos alunos da Escola *(DAR O NOME DA ESCOLA OU DO GRUPO ESCOLAR)* tenho a honra

e o prazer de, em comemoração ao "Dia do Professor", oferecer-lhes os números de declamação que constam de nosso programa. Dos poetas, tomamos os versos emprestados para melhor traduzirmos a gratidão e a amizade que lhes dedicamos, queridas Mestras.

PALMAS)

MARILIA: — Iniciando o nosso programa de declamação, vamos ouvir Margarida, a representante do primeiro ano A, classe da Professora *(DAR O NOME DA PROFESSORA)*.

MARGARIDA: — *(LEVANTA-SE, ACOMPANHADA DE UMA COLEGA COM UM BUQUÊ DE FLORES, E VAI ATÉ PRÓXIMO DA MESA, ONDE RECITA)*.

SAUDAÇÃO

Vicente Guimarães

Eu sou pequenina,
 Mas sei recitar,
 bonita poesia
 Eu vou declamar.

Tôda nossa classe
 Neste grande dia
 Sauda a Professora,
 Com muita alegria.

Trazemos-lhe flôres,
 Com simplicidade:
 As flôres traduzem
 A nossa amizade.

Aceite-as, pois,
 Ó Mestra querida,
 Para perfumar
 A sua nobre vida.

A COLEGA DE MARGARIDA ENTREGA O BUQUÊ DE FLORES À PROFESSORA DE SUA CLASSE. AMBAS, DEPOIS DE ABRAÇAREM A PROFESSORA, RETIRAM-SE PARA SEUS LUGARES).

MARILIA: — Agora, vamos ouvir Paulo, representante do segundo ano B classe da Professora *(DIZER O NOME DA PROFESSORA DA CLASSE)*. Paulo se levanta e encaminha-se para junto da mesa. Uma colega sua o acompanha, levando um buquê de flôres).

PAULO:

HOMENAGEM

Vicente Guimarães

Grande e meiga benfeitora,
 Vimos, hoje, com fervor,
 No "Dia da Professora",
 Demonstrar-vos nosso amor.

Como reconhecimento
 Por todos vossos labôres,
 Queremos, neste momento,
 Ofertar-vos estas flôres.

Aceitai-as, Mestra amiga,
 Em sinal de gratidão,
 Pois, cada florzinha abriga
 De um aluno o coração

(DEPOIS DE ENTREGAR AS FLORES E ABRAÇAR AS PROFESSORAS, OS ALUNOS DO SEGUNDO ANO RETIRAM-SE PARA SEUS LUGARES).

MARILIA: — Em prosseguimento, vamos ouvir Rute, representante do terceiro ano A.

RUTE: — *(PROCEDE COMO OS ANTERIORES, TAMBÉM ACOMPANHADA DE UMA COLEGA COM FLORES)*.

SOLENE JURAMENTO

Vicente Guimarães

Como uma fada boa e carinhosa
Que para o bem os afilhados guia,
A professora amiga e cuidadosa
As lições nos transmite com alegria.

Se, às vezes, usa um pouco de energia,
Mostra-se-lhe a missão mais espinhosa,
Pois de seu coração só se irradia
O amor que a torna meiga e venturosa.

Reconhecendo a grande benfeitora
Que sempre foi, na escola, a professora,
A mestra dedicada e tão querida.

Quero, ao dizer-lhe adeus, neste momento,
Aqui fazer solene juramento
De jamais a esquecer em minha vida.

MARÍLIA: — Em nome do quarto ano B, classe da Professora (NOMINAR A PROFESSORA), declamará, agora, a aluna Helena.

HELENA: — (TAMBÉM ACOMPANHADA DE UMA COLEGA LEVANDO FLÔRES, VAI ATÉ À MESA E RECITA).

EXALTAÇÃO

Vicente Guimarães

É com respeito e santa exaltação
Que vou falar de nossa Professora,
Tentando demonstrar-lhe com efusão
A nossa simpatia imorredoura.

Das almas infantis firme escultora,
Que trabalha com amor e devoção,
Ela é a guia, o farol, a pregadora
Que alerta e ensina a nova geração.

Sua missão é nobre e edificante:
Das trevas tira o aluno ignorante,
Ensinando-lhe as letras do alfabeto.

Por isso, à Professora tão querida,
Que torna encantadora a nossa vida,
Nós dedicamos o mais puro afeto.

MARÍLIA: — Vamos, neste momento, ouvir o aluno Lauro, do 4.º ano B, que vai recitar em homenagem à nossa Diretora, (DAR O NOME DA DIRETORA).

LAURO: — (ACOMPANHADO DE UMA COLEGA COM UM BUQUÊ DE FLÔRES, VAI ATÉ À MESA RECITAR).

ORAÇÃO À MESTRA

Marly G. Fróes

Glória a ti, fôrça eterna e construtora,
Que plasmas a grandeza de uma raça.
Heróica e maternal — educadora —
És a chama divina que perpassa,
Como uma sombra santa e protetora.

Glória a ti, que o progresso à mocidade
Semeias. E, com tua inteligência,
No apostolado da fraternidade,
Transmutas a ignorância, na ciência,
Ensinas o dever e a lealdade.

Glória a ti, mestra humilde e ignorada,
Pela tua tarefa abençoada,
Pela tua missão de paz e amor!
Glória a ti, que pregaste à criançada,
O evangelho do Bem e do Labor!

MARÍLIA: — Neste momento, deixo livre a palavra para quem dela queira fazer uso.

(FALA A DIRETORA OU UMA DAS PROFESSORAS, EM NOME DAS HOMENAGEADAS).

MARÍLIA: — Agora, encerrando o nosso programa de homenagens, peço a meus colegas que, de pé cantemos "Professora Querida", de Vicente Guimarães, canção especialmente escrita para "O Dia do Professor"

PROFESSORA QUERIDA

Vicente Guimarães

(Canção para "O DIA DA PROFESSORA")

"Dia da Professora", neste dia,
Cantemos, muito alegres, em louvor
De quem merece a nossa simpatia,
A nossa gratidão, o nosso amor.

Salve! Salve, querida Professora!
Que o saber nos transmite com carinho,
Como uma fada meiga e protetora,
A pontilhar de luz nosso caminho.

"Dia da Professora", neste dia
Cantemos, muito alegres, em louvor
De quem merece a nossa simpatia,
A nossa gratidão, o nosso amor.

Salve! Salve, querida mestra amiga!
Que estimamos de todo o coração,
Nunca será de mais que se bendiga
A vossa nobre e divinal missão.

MARÍLIA: — Antes de encerrar a festinha, quero congratular-me com meus colegas pelo brilhantismo que trouxeram à homenagem que, muito justamente, prestamos às nossas queridas professoras, e quero também agradecer a presença de todos que aqui nos trouxeram a sua solidariedade. Está encerrada a seção.

----- / / / -----

NOTA: Não há número limitado para os personagens desta peça. Nela tomarão parte, pelo menos duas crianças de cada classe: uma recitando e a outra entregando as flôres.

Para aumentar o programa da festa do "Dia do Professor", se necessário, publicamos, a seguir, algumas poesias de diversos autores. Outras, colhidas ou escritas pelos interessados poderão ser aproveitadas também na peça.

As crianças que tomarem parte deverão figurar com seus próprios nomes. Os nomes fictícios das personagens aqui publicados figuram apenas como exemplo.

O nosso trabalho nada mais é que uma sugestão; poderá ser modificado de acôrdo com as necessidades.

Gostaríamos de receber comunicações das Escolas e Grupos Escolares que o aproveitarem na comemoração do "Dia do Professor". Na revista, poderemos, até, publicar fotografias de flagrantes ou de grupos de crianças e professoras que tomaram parte.

MÚSICA PARA A CANÇÃO DA PROFESSORA

Os versos estão publicados. A canção está sem música. A postos, senhores e senhoras musicistas. Escrevam a música para a "Canção da Professora" e me mandem uma cópia. Entre tôdas, escolherei a que mais me agrada, a qual será publicada em nossa revista e seu autor receberá, de presente, um exemplar do livro "Anel de Vidro", com o autógrafa do autor.

Fica entendido que a música escolhida ficará de nosso uso para publicações posteriores, na revista ou em livro.

POESIAS PARA O "DIA DO PROFESSOR"

O PROFESSOR E O SÂNDALO

Walter Nieble de Freitas

Erguendo ao céu uma prece
Pela voz da passarada.
Reza a Deus o velho sândalo
Presentindo a derrubada.

- Cumprí, Senhor, meu destino,
Foi feita a Vossa Vontade;
Dei sombras, flôres e frutos.
Fui o exemplo da bondade.

Em paga de tanto bem,
Que faço, agora, Senhor,
Ante os golpes do machado
Do traiçoeiro lenhador?

- Pague com o bem o mal,
Seja bom, não desespere,
Perfume, disse Jesus,
O instrumento vil que o fere!

E a cada golpe traiçoeiro
Que o lenhador desferia,
Mais perfumes punha o sândalo
No machado que o feria...

Assim também é a existência
De quem nasce professor:
Quando recebe injustiça
Sempre a transforma em amor.

VERSOS À MINHA MESTRA

Nancy Guahyba Martha

Este dia feliz, mestra querida,
a ti foi consagrado e com razão,
pois que dás segurança aos que, na vida,
começam a caminhar por tua mão.

Na tua mente fértil e esclarecida
transformam-se as palavras em canção:
e tudo que disseres não se olvida
porque nos falas com teu coração.

Esta homenagem é mais que bela - é justa
por teres recebido a luz divina
com que fazes brilhar nosso caminho.

É que o futuro já não mais assusta
àqueles que tiveram a feliz sina
de terem se acolhido ao teu carinho.

SER MESTRE

Nancy Guahyba Martha

Ser mestre é devotar ao pequenino
uma grande parcela dessa vida;
é moldar um a um cada destino
em seu peito buscando uma guarida.

Ser mestre é encontrar algo divino
nos espinhos da estrada bem florida;
é saber que se faz de um só menino
o futuro da Pátria tão querida.

Ser mestre é caminhar por esta vida
entre sombras e luz para encontrar
em cada aluno, um meigo coração.

Ser mestre é ter de Deus a inspiração
para, da alma infantil, fazer brotar
a semente do bem nela escondida.

A PROFESSORA

Maria A. Veloso

Estou na escola há seis meses.
Já sei contar, escrever.
Erro nas contas, às vezes,
Mas já sei muito bem ler!

Leio sim!... Leio de fato!
Já conto histórias também
E vi da terra um retrato
Num mapa que a gente tem

Pois, outro dia, eu, contente
Com tudo o que já aprendi
Juntei toda a minha gente
Numa classe e decidi

Repetir o que sabia,
Dando a todos a instrução
Tão necessária hoje em dia!
E comecei a lição...

Ora, sabe o que fizeram
Bichos, bonecas também?
Nem sequer ouvir quiseram
O que ensinava tão bem!

Um dormiu, outro, brincando,
À lição pouco ligou
O Ursinho, me arremedando,
Logo num canto ficou...

Não sabem nada! Não querem
Nem estudar, nem saber...
Sempre bobinhos preferem
Tolos viver e morrer!

Pois eu não! Não me arrependo
De ouvir bem o professor,
Porque, na vida, estou vendo
Quem é tolo causa horror.

Quero crescer estudando,
Quero saber sempre mais
Quero viver trabalhando,
Só bens o trabalho traz!

Não conto mais meus segredos!...
Nada ensino!... Não faz mal!...
Eles são todos brinquedos!
E eu... sou gente afinal!...

SER MESTRA:

Nenita Madeiro

E' desbravar as íngremes estradas,
das mais rudes e torpes escaladas
de uma missão sublime e meritória.
E' ver Bondade, Amor, é ser Dever.

SER MESTRA: é ser tudo hoje, e nada ser
no declinar da sua vida inglória!

SER MESTRA:

E' dar luzes a cegos de nascença,
fazendo-os enxergar toda a ciência
pelo prisma risonho do saber.
E' ensinar a criança meiga e sã,
a conhecer o mundo de amanhã,
conhecendo a razão do próprio ser!

SER MESTRA:

E' retirar de todos os caminhos,
as pedras tôscas, os cruéis espinhos
da geração que ao seu encontro vem.
E' ministrar a todos, com doçuras,
os horizontes das vidas futuras
e as encruzilhadas que o mundo tem!

SER MESTRA:

E' ter vida mas não saber senti-la.
Se a missão espinhosa que ao feri-la,
faz sangrar e sofrer seu coração.
Quando os seus filhos, as suas crianças,
o berço das mais belas esperanças,
desprezam a sua sábia lição!...

SER MESTRA:

E' ter um mundo inteiro e não ter nada.
E' tombar peleja interminada
da instrução pela glória do viver.
E' ser tudo na vida. E' ser o Bem.

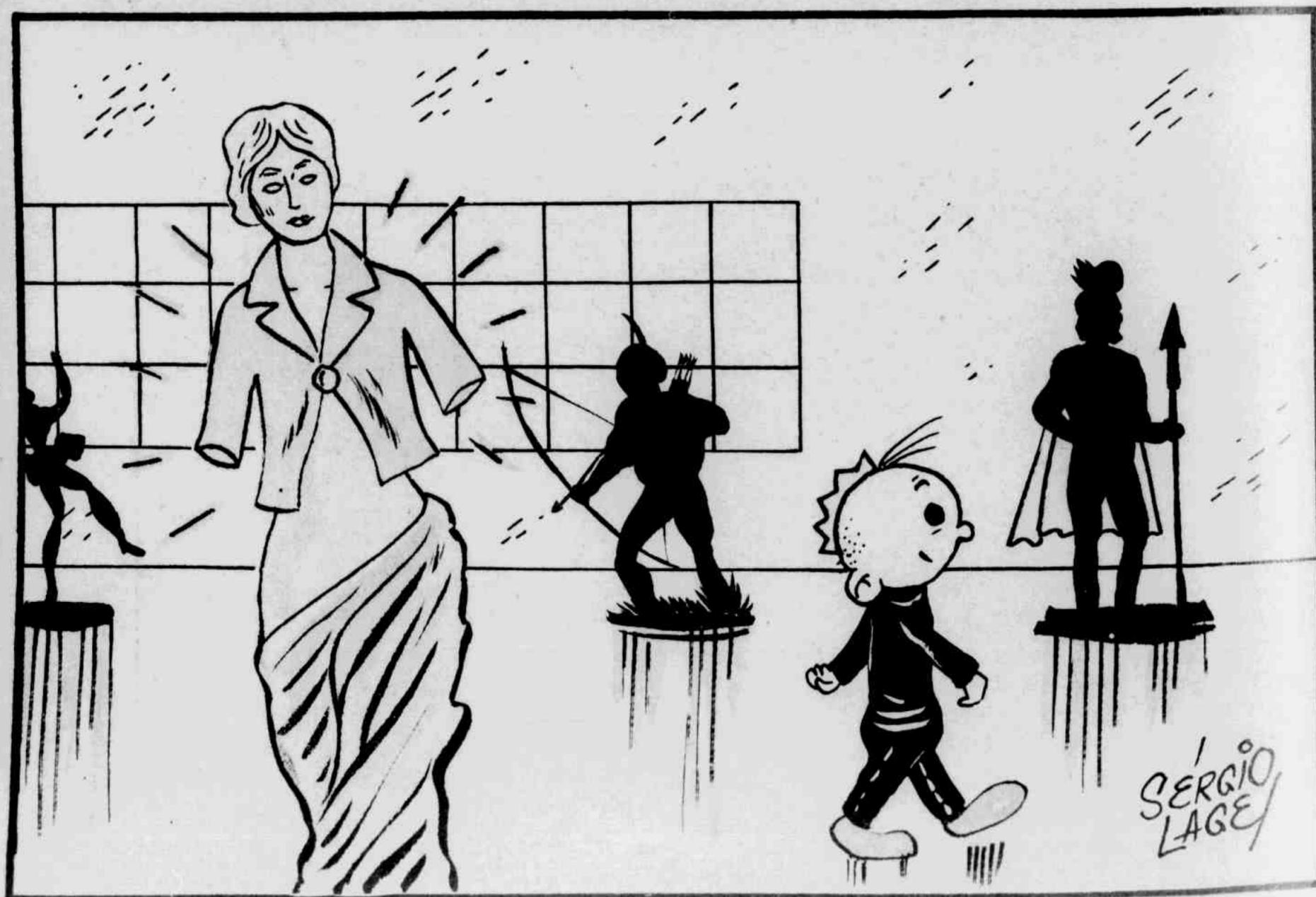
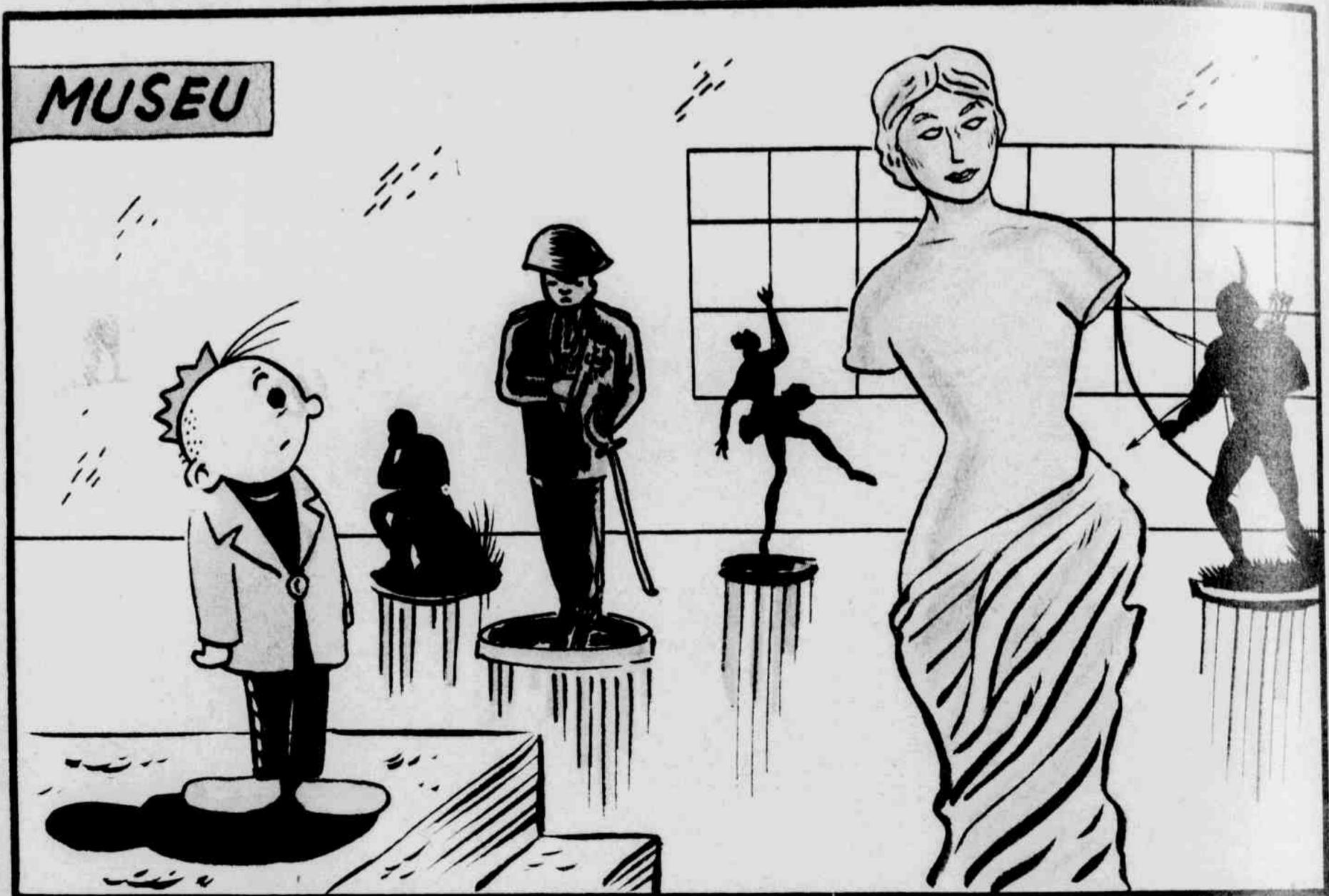
SER MESTRA: é ser Mãe; como é ter também
milhões de filhos e nenhum não ter!...

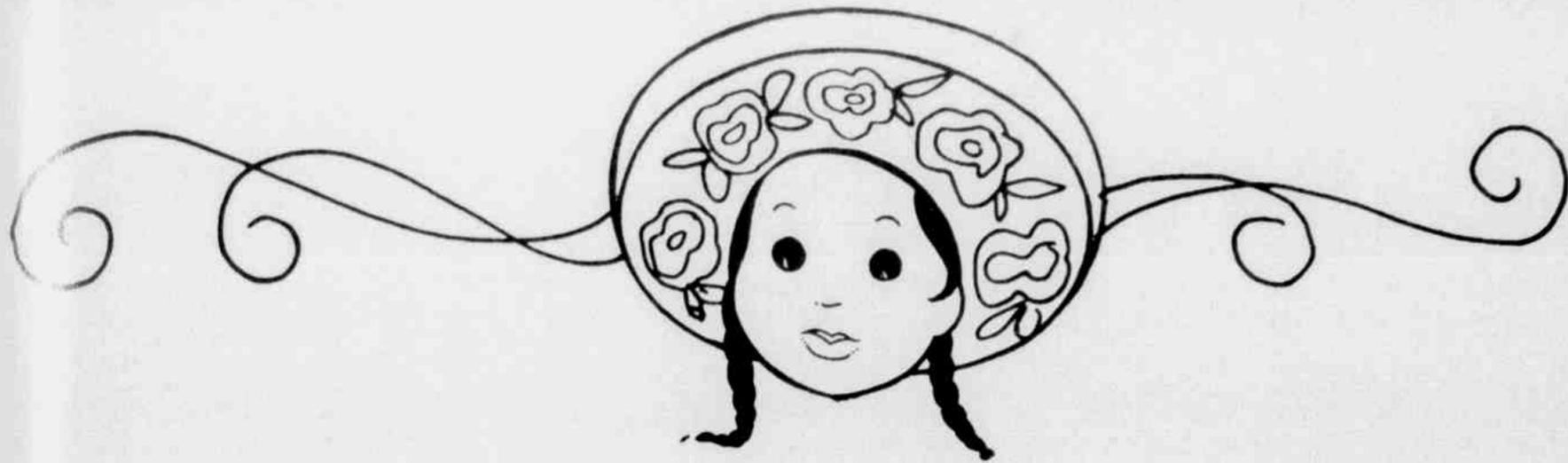
SER AMIGA:

Se nas descidas bruscas do caminho,
em vez de rosas, tiveres espinhos
na velhice e te desprezarem. Então,
terás o meu afeto, MESTRA AMIGA.
O meu carinho, tudo mais que eu diga,
e a pétala meiga da minha gratidão!...

TUBINHO e a VÊNUS DE MILO

MUSEU





MÉXICO

País da América do Norte, o México prolonga-se para o sul dos Estados Unidos e é banhado pelos oceanos Atlântico e Pacífico. Sua Capital é México, cidade bonita e muito progressista.

A maior parte do território Mexicano consiste numa planície rodeada de montanhas que, por sua vez são pontilhadas de vulcões.

O México é o maior produtor de prata, do mundo, e, na produção de ouro está colocado em quarto lugar. Últimamente, o petróleo constitui uma de suas maiores fontes de riqueza.

O povo mexicano é, geralmente, alegre. De chapéu largo e uma guitarra na mão o mexicano improvisa lindas canções.

No México, a civilização espanhola foi precedida pelos maias e os astecas.

HAVAÍ

No oceano Pacífico existe um grupo de ilhas, com o nome genérico de Ilhas de Havaí. Neste grupo há oito ilhas. As cinco maiores são as seguintes:

Havaí, Maui, Molokai, Oahu e Kauai, tôdas de origem vulcânica. Em Oahu está Honolulu, a Capital das ilhas.

A paisagem de Havaí é maravilhosa e seu clima admirável. É fresco no verão e temperado no inverno.

Havaí é, hoje, um protetorado dos Estados Unidos da América do Norte.

Os havaianos dedicam-se aos esportes aquáticos e gostam muito de dança. As mulheres usam saia-tanga de fôlhas de palmeira. Usam guirlandas de fôlhas e flôres com que ornam também o pescoço dos visitantes.

Não são muito avantajadas de estatura, mas em regra bem proporcionadas e bonitas; pele morena acobreada, cabelos bem negros e sempre crespos, lábios um tanto grossos e nariz achatado; olhos sempre expressivos e dentes de grande alvura.





Mexicana

Boneca mexicanita,
Sei bailar e sei cantar;
Vejam como sou catita,
Como é belo o meu trajar!



Havaiana

Sou boneca do Havai,
Visto tanga de palmeira;
Desta coleção, aqui,
Sou, talvez, a mais fazeira.

João T. R.



Panamenha

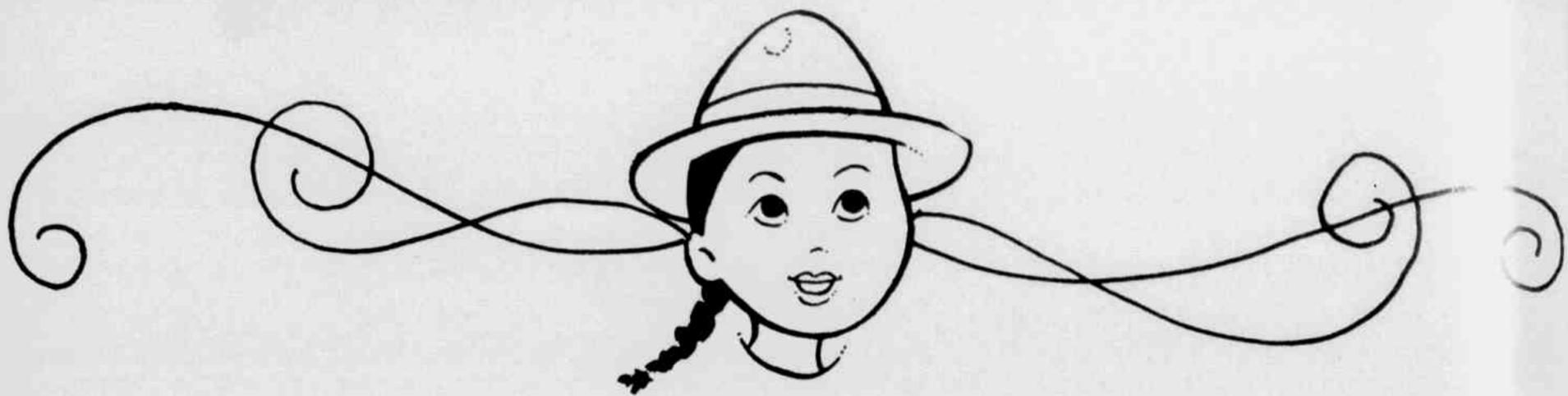
Quem por sua terra se empenha
Faz propaganda, afinal:
Sou boneca panamenha,
Terra do grande canal.



Chilena

Não sou uma rica pequena,
Vestida com belos panos;
Sou camponesa chilena,
Descendo dos araucanos.

José R.



PANAMÁ

O Panamá é um dos menores países das Américas e, no entanto possui uma das maiores obras de engenharia feitas pelo homem: o Canal de Panamá.

A República do Panamá faz parte do istmo do mesmo nome, que ligava a América do Sul à América Central e, hoje, cortado pelo grande Canal que liga o Oceano Pacífico ao Mar das Antilhas e que mede oitenta quilômetros de comprimento.

A Capital da República chama-se também Panamá e é uma cidade muito importante nas costas do Pacífico, próxima à entrada do canal.

Ainda há grande população indígena no Panamá, destacando-se os índios de San Blas. Os mestiços são, no entanto, hoje, em maior número.

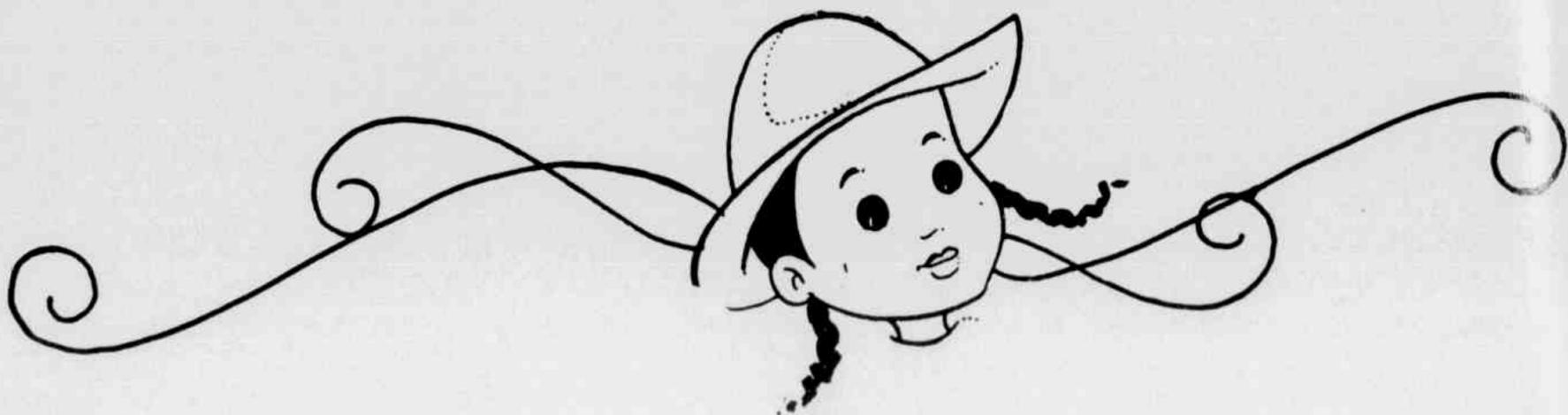
CHILE

O Chile é um país comprido; é uma faixa estreita de terra que se estende entre o Oceano Pacífico e a Argentina e Bolívia, limitando-se, ao norte, com o Peru.

Está tão longe o norte do sul, que são regiões completamente diferentes. O norte é quase um deserto, completamente estéril, onde se passam anos e anos sem chuva. Já no sul a vegetação é luxuriante. No norte, porém, existe uma grande riqueza: as jazidas de salitre.

No centro do país estão as principais cidades, inclusive a capital, Santiago, cidade pitoresca, aos pés dos Andes.

Os primeiros moradores do Chile foram os índios araucanos, que habitavam o vale central do país.



TEATRO DE FANTOCHE



(História adaptada para fantoches,
por Maria das Dores Portilho).

PERSONAGENS:

Polichinelo — o narrador. — **Romão**, o gatinho guloso.
Ratão — **Segundo Ratão** — **Porco**.

INTRODUÇÃO

No palco com as cortinas fechadas, Polichinelo aparece e dirige-se à platéia:

— Boa tarde, meninos. Vocês me conhecem? Eu sou Polichinelo. Eu vou apresentar a vocês uma história. Sabem qual? É a história

“O GATINHO GULOSO”

Atenção! Escutem bem!

Um dia, Benedita, a cozinheira, esqueceu aberta a porta da despensa! Em cima da mesa havia um pedaço de toucinho fresquinho!

PRIMEIRO ATO

(Abre-se a cortina)

CENÁRIO

A despensa — Sobre a mesa, o toucinho.

(Romão entra em cena com o focinho para o alto como quem aprecia o cheiro de alguma coisa. Percorre a despensa, procurando a origem daquele cheiro. Vê afinal sobre a mesa o toucinho).

ROMÃO: — Que bela distração da Benedita! Esqueceu aberta a porta da despensa!

(Levantando bem o focinho e cheirando com força).

— Que cheiro delicioso! De que será? Ah! Já sei, é toucinho fresco. Há quanto tempo não aprecio um petisco deste!

(Aproximando-se da mesa).

(Conclui na pág. 46)



BILHETE DE TIA FLORINDA

Queridas sobrinhas:

Espero que vocês estejam satisfeitas com as lições e os trabalhos aqui publicados. Principalmente as moças devem conhecer bem os trabalhos manuais, pois uma casa ornamentada com trabalhos feitos em casa proporciona um ambiente de felicidade muito maior que aquela enfeitada somente com objetos comprados.

Os maridos, então, dão muito valor às espôsas que sabem ornamentar seus lares com trabalhos próprios.

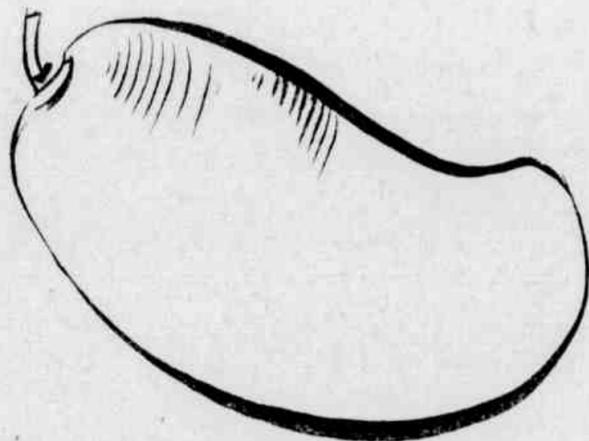
Preparem-se para serem boas espôsas, queridas sobrinhas, e aprendam, desde já, os trabalhos que lhes ensina a

TIA FLORINDA

MANGA

É uma fruta saborosa e de origem indiana. Foi trazida para o Brasil pelos portugueses logo no início de nossa descoberta. Aclimatou-se maravilhosamente entre nós, tanto que muitos a consideram de origem brasileira.

É uma fruta de ótimo paladar e apreciadíssima entre nós. Forma com a laranja, a banana e o abacaxi a elite das frutas brasileiras. Suas qualidades nutritivas provêm dos hidratos de carbono, sais minerais e vitaminas, sendo também rica em terebintina que é uma substância excitante para o organismo. Nós temos muitas espécies, cerca de umas 500 variedades. As mais apreciadas são: Carlota, Espada, Itamaracá, Rosa, Índia e Itaparica. Os Estados de Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia estão em 1.º lugar em seu cultivo. Em São Paulo também é muito cultivada. É uma fruta que deve ser comida bem madura e é de fácil digestão. É rica em vitaminas A — C e contém ainda B1 e B2. É aconselhada aos dispépticos, debilitados e também aos doentes de bronquite crônica.



Com essa fruta podemos fazer doces, geléias, sorvetes e até "mangada".

SORVETE DE MANGA

Escolha algumas mangas bem maduras e perfeitas, descasque-as, tire os caroços e esmigalhe a massa misturando uma boa porção de açúcar refinado, até que fique bem doce; coe por um pano fino e para cada copo de caldo junte 2 copos de água. Experimente para ver se está bem doce; junte mais açúcar se precisar e leve ao congelador.

COQUETEL DE MANGA

Tira-se a "carne" de 2 ou 3 mangas bem maduras, passa-se em peneira fina (taquara é a melhor). Junta-se o caldo de 2 laranjas. Junta-se à mistura 1 colher de sopa de xarope de groselha e um copo de Vinho de Caldas (doce) e pedaços de gelo picado. Servir bem gelado.

SALADA DE FRUTA

A manga, picada, aos pedaços, fica muito bem numa salada de frutas, à qual empresta ótimo sabor.

GELÉIA DE MANGA VERDE

Lavar as mangas verdes e cozinhá-las com casca. Descascá-las depois de bem cozidas e passá-las na peneira. À massa obtida juntar igual quantidade de açúcar. Levar ao fogo brando, mexendo sempre para não pegar no fundo.

COMPOTA DE MANGA

Mangas maduras e perfeitas, cortadas em pedaços grandes.

Faça uma calda em ponto de fio brando. Junte as mangas e deixe só até começar a engrossar. Fogo bem lento. Leva mais ou menos 20 minutos.

Ponto de fio brando — Para se verificar se está neste ponto, retira-se um pouco de calda para um pires e molha-se na calda o dedo polegar. Junta-se a este dedo o indicador, afastando-o vigorosamente. Se formar um fio mole, está no ponto.

OUTRO COQUETEL DE MANGA

Cortem pedaços de uma ou 2 mangas, junte-lhes 1 copo e 1/2 de caldo de laranjas, 1/2 copo de caldo de abacaxi e 1 colher de açúcar. Deite tudo no liquidificador, depois coe o coquetel e sirva bem gelado. Guarneça os cálices com uma fatia de manga.

PUDIM DE MANGAS

4 mangas bem maduras partidas em pedaços, 8 colheres de açúcar, 4 gemas batidas e 1 clara batida em neve, separadamente, desmancham-se 2 colheres de maisena. Misturar tudo bem até ligar e levar ao fogo em banho-maria em fôrma untada com manteiga.

DOCE DE MANGAS MADURAS

Corte em pedaços com uma faca bem afiada as mangas maduras que você tiver — 8 a 10 — junte igual peso de açúcar e leve ao fogo — sem mexer — fogo brando e sacuda a panela de vez em quando. Assim que formar calda retire do fogo. Está pronto o doce.

COPA E Cozinha



CREME DELÍCIA (sopa)

Faça um caldo bem gostoso de carne e nele cozinhe $\frac{1}{2}$ kg de cenouras. Depois de cozidas, tire da cenoura pequenas bolas ou pérolas, com a colher própria, e guarde. O resto da cenoura deite ao caldo, juntando 1 colher de fubá de arroz desfeita em 1 xícara de leite. Passe tudo pelo liquidificador, se você o possuir, ou então pela peneira, desfazendo os pedaços restantes das cenouras. Junte $\frac{1}{2}$ colher de sopa de manteiga às pérolas separadas, leve-as a esquentar e sirva com o caldo e fatias de pão torradinho, com ou sem manteiga.

PÃO DE CARNE

2 xícaras de farinha de trigo, 1 de maisena, 1 colherinha (café) de sal, 1 colher de pó Royal, 1 colher de banha ou manteiga, 1 xícara de leite frio.

MODO DE FAZER: Peneirar os ingredientes secos depois juntar a manteiga ou banha e ir amassando até dar consistência de massa de empada. Juntar, então, o leite rapidamente e acabar de amassar. Esticar a massa com as mãos, num tabuleiro, colocar o recheio (um bom refogado de carne moída com os temperos que você apreciar: azeitonas, pedacinhos de 1 ovo cozido, etc.), que deve ser feito antecipadamente e deve estar frio. Virar então as bordas da massa para dentro, cobrindo o recheio e dando o feitiço bonito de pão. Pincelar com gema desmanchada em um pouquinho de leite. O tabuleiro é untado de manteiga e polvilhado de farinha de trigo. Servir quente.

TALHARIM ESPECIAL

$\frac{1}{2}$ kg de talharim, 150 g de presunto, 1 colher de sopa de manteiga, 3 gemas e 1 latinha de creme de leite.

Cozinha-se o talharim em água e sal; quando a massa estiver cozida deve também estar pronto o pre-

sunto picado bem miúdo. Põem-se numa panela: manteiga, cebola partida bem fininha e refoga-se até dourar. Junta-se o presunto e refoga-se mais um pouco. Mistura-se, então, o talharim cozido, juntam-se 3 gemas, continuando a mexer. Por último, acrescenta-se o creme fresco, mistura-se bem e vai ao forno numa fôrma de pirex ou cerâmica que possa ir à mesa. Leva-se ao forno por 20 minutos, polvilha-se queijo parmesão ralado sobre o prato antes de entrar no forno.

S O B R E M E S A

BEM-CASADOS

Com 500 g de açúcar faça uma calda grossa. Deixe esfriar, junte 350 g de amêndoas peladas e moídas e leve ao fogo até despegar da panela. Junte 1 colher de chá de essência de baunilha e 8 gemas. Divida em 2 partes. Uma leve ao fogo novamente até enxugar. Na outra junte 1 colher bem cheia de chocolate em pó e da mesma forma leve ao fogo para secar. Deixe esfriar e faça bolas, unindo uma branca com uma de chocolate, achatando-as. Arrume em caixinhas de papel plissado.

GLACÊS

Os glacês frios devem ser feitos logo que os doces saiam do forno e se fôr o bôlo em tabuleiro devemos cortá-lo em pedaços antes de que o glacê seque por completo, para evitar que estale, enfeitando o seu trabalho.

GLACÊ COMUM: Para um glacê comum, misture 2 xícaras de açúcar com a água ou caldo de fruta necessário a formar mingau grosso. Se você fizer com água, use, então, uma essência para perfumar e ficar mais delicado o sabor. Em caso de preferir o limão, espreme-lo sobre o açúcar diminuindo a quantidade de água. Se o glacê fôr de laranja ou

abacaxi, substitua a água pelo caldo da fruta.

GLACÊ DE CHOCOLATE: — Junte a 2 xícaras de açúcar, 2 colheres, das de sopa, bem cheia de chocolate em pó. Derreta uma colher de sobremesa, de manteiga num pouquinho de leite e vá pondo sobre o açúcar misturado com o chocolate. Derrame sobre a massa assada enquanto estiver bem quente. A manteiga é para dar brilho à massa, mas pode ser dispensada se você não apreciar.

MERENGUES: — Nos glacês de claras batidas, também chamados, "merengues", devem ser batidas o mais possível as claras e juntar 2 colheres das de sopa de açúcar para cada clara. Para secar mais depressa pode ser levado ao forno, mas com cuidado para não amarelecer. No caso de você querer fazer glacês para usar bicos de ornamentação, são necessárias 4 colheres de açúcar para cada clara.

CONSELHOS ÚTEIS

Quando você fôr usar o forno deixe que esquente um pouco primeiro.

Um bom processo para você limpar a calda de açúcar é o seguinte: quando estiver quase fervendo, junte-lhe uma xícara das de café de leite e quando começar a aparecer a espuma escura, vá tirando com uma escumadeira até não sair mais nada. Depois você deve coar num pano limpo e de preferência velho.

Se você não gosta do cheiro da cebola em suas mãos, tenha o cuidado de emergir as cebolas, por alguns instantes, em água morna, antes de tirar-lhes as cascas. Pode também descascá-las sob um fio de água corrente. Se ainda assim ficar um pouco de cheiro, basta esfregá-las com sumo de $\frac{1}{2}$ limão.



PÁGINA DAS FADAS

— Olhem a Dadá! Que bom, você veio mesmo, hehe, Dadá?! — disseram-lhe duas amiguinhas e colegas de colégio.

— Ah! como estou contente de poder ser, também, uma Fadinha como vocês! Eu estava contando os dias para a realização deste sonho.

— Vejo que não é preciso apresentar a futura Fadinha? — disse a Coruja.

— Eu já me sinto mesmo uma Fadinha, desde aquele acantonamento que visitei em Teresópolis, e onde assisti a um Fogo de Conselho de que não vou me esquecer nunca. Lembra-se, Coruja?

— E então! Eu estava auxiliando, e gostei muito daquela companhia de Fadas. Elas são realmente uns amôres, muito boazinhas e, sobretudo, boas Fadas.

— Posso contar às Fadinhas aquele Fogo de Conselho?

— Pode, disse a Coruja; mas não foi somente o Fogo de Conselho que você viu!?

— Não, eu vi muitas outras coisas no acantonamento, mas o Fogo de Conselho foi que me deixou louquinha para ser Fada. Se você quiser, eu conto depois as outras coisas, mas o Fogo de Conselho não pode esperar...

— Está bem, está bem. Vamos ouvir a Dadá?

Logo as Fadinhas formaram um círculo e ficaram em silêncio.

— Prestem bem atenção — recomendou-lhes a Dadá — pois quando eu tiver feito minha Promessa, quero que a Coruja nos deixe fazer um Fogo de Conselho como aquele.

As Fadinhas estavam encantadas em Índios e então, a Coruja perguntou-lhes se queriam representar naquele dia a "Lenda do Saci", uma lenda indígena muito bonita.

As Fadas perguntaram:

— E como é que nós vamos representar de Índios, Saci e tudo, se não temos vestimentas?

— Ora, isso não é problema, respondeu-lhes a Coruja. Venham ver uma coisa.

A Coruja se encaminhou para um quarto, seguida das Fadinhas (e de mim, que acompanhava tudo) e, apontando para uma caixa grande, a um canto, disse-lhes: — Podem abrir.

Lá dentro havia papel em quantidade, tesouras, tintas de tôdas as cores. As Fadinhas pularam de alegria e pediram: — Podemos nós mesmos fazer as fantasias?

— Claro — aquiesceu a Coruja.

Começaram logo as Fadas a cortar papel e pintar as penas. Cada uma queria o seu cocar e a sua tanga mais bonitos, de cor mais viva. Eu estava com uma inveja! Depois, elas foram armar a fogueira. Ah! ia me esquecendo: fizeram também umas penas (tudo de papel) para enfeitar os chapéus dos Fidalgos, que deviam vestir as pelerines; fizeram um enorme "Sol" de papel pintado de amarelo para Guaraci e, para Jaci, uma linda "Lua" toda prateada. Com gravetos e barbantes, elas arranjaram arcos e flexas para os "índios".

— E o Saci? — perguntou curiosa outra Fadinha.

— Já ia mesmo falar nele. Estava engraçado! Uma Fadinha enfiou as duas pernas numa perna da calça "blue jeans" da chefe, que lhe ficava enorme, usava, um gorro à cabeça e trazia um grande cachimbo de barro.

— E onde acharam o cachimbo? — perguntou ainda outra fadinha.

— O cachimbo? ora, as fadinhas o fizeram de barro mesmo.

Depois de tudo preparado, elas guardaram direitinho e foram tomar um banho de piscina; ajudaram a preparar a merenda, de que eu também participei — leite com café e biscoitos. Depois, o jôgo: luta entre duas tribos de índios. Como foi divertido! Aí eu não pude fazer parte, pois eu não era índio! Elas eram, porque naquele dia estavam "encantadas" em índios, como eu já havia dito.

— E o Fogo de Conselho? Conta logo!

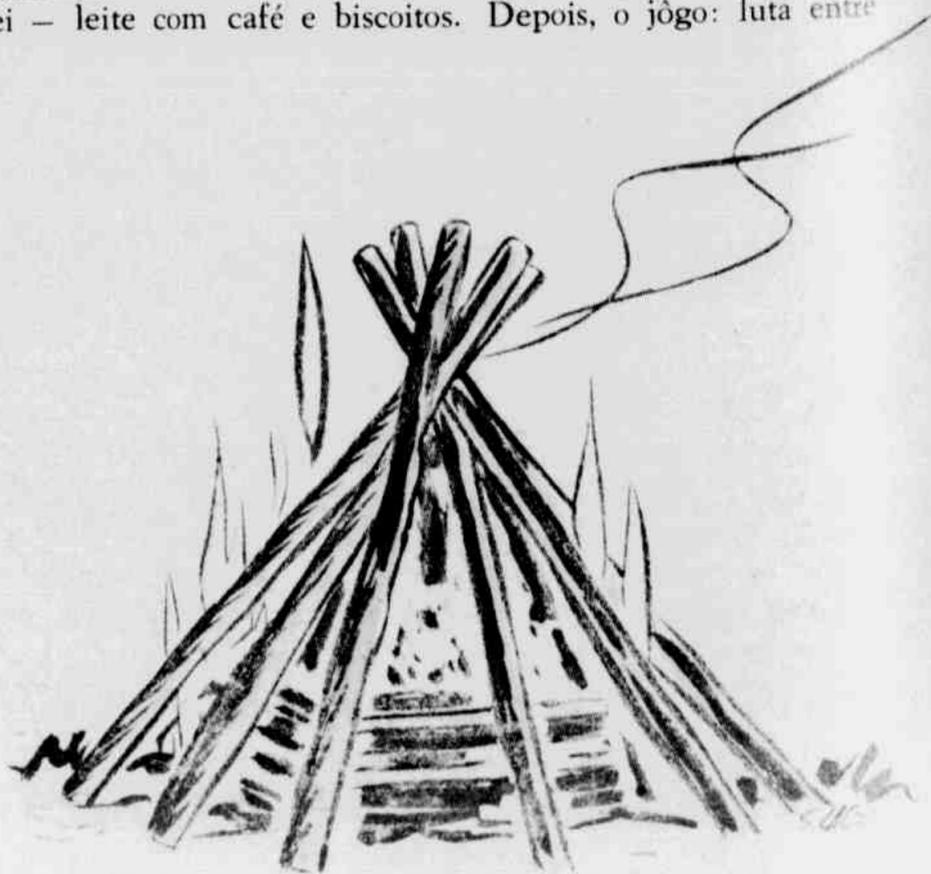
— E a "Lenda do Saci"?

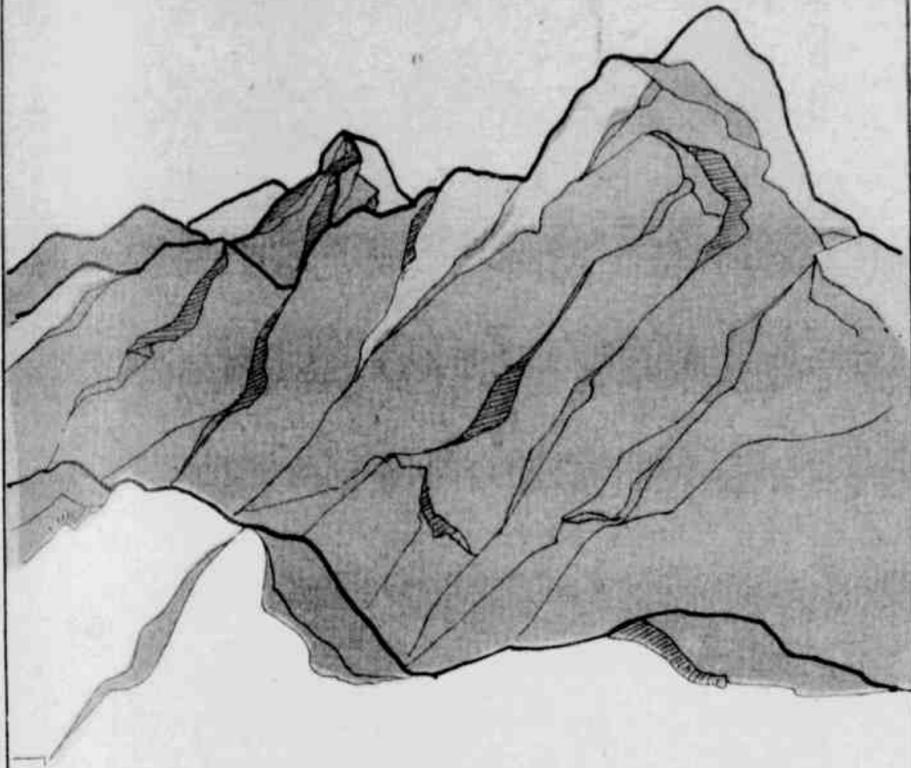
— Dadá — disse a Coruja — estamos gostando muito de ouvi-la, mas hoje não podemos continuar conversando, pois é tempo de seguirmos o programa da nossa reunião.

— Que pena! — protestaram as Fadinhas. — Estava tão bom! E a "Lenda"?

— Na próxima reunião a Dadá nos contará tudo — eu também estou curiosa!

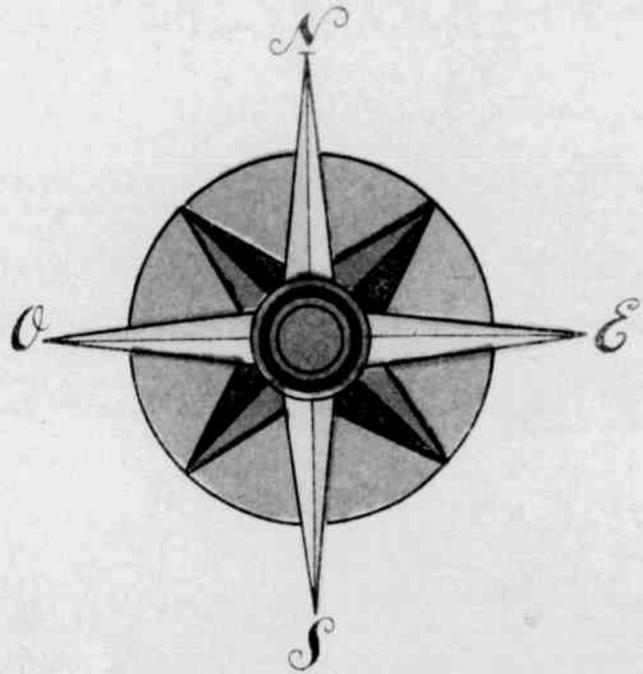
E assim começa a Dadá a sua vida na Companhia de Fadas a que ardentemente desejava pertencer.





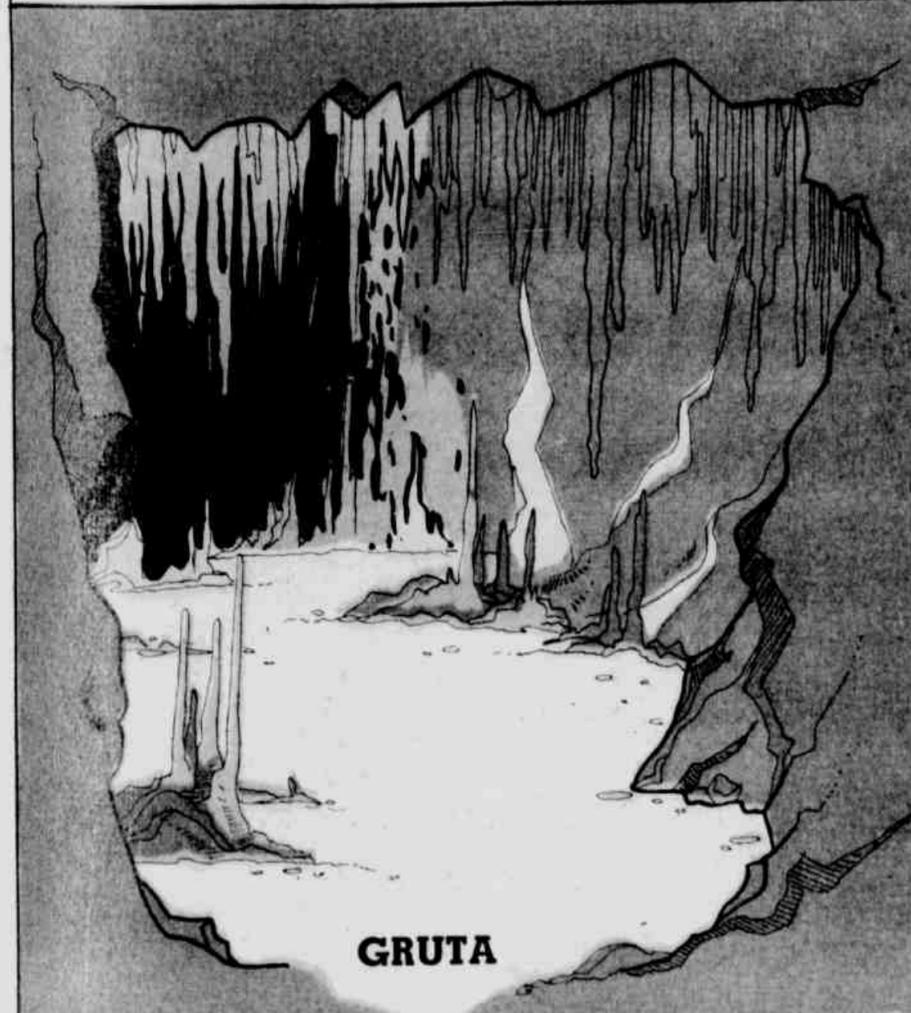
SERRA

— É uma cadeia ou grupo de montanhas.



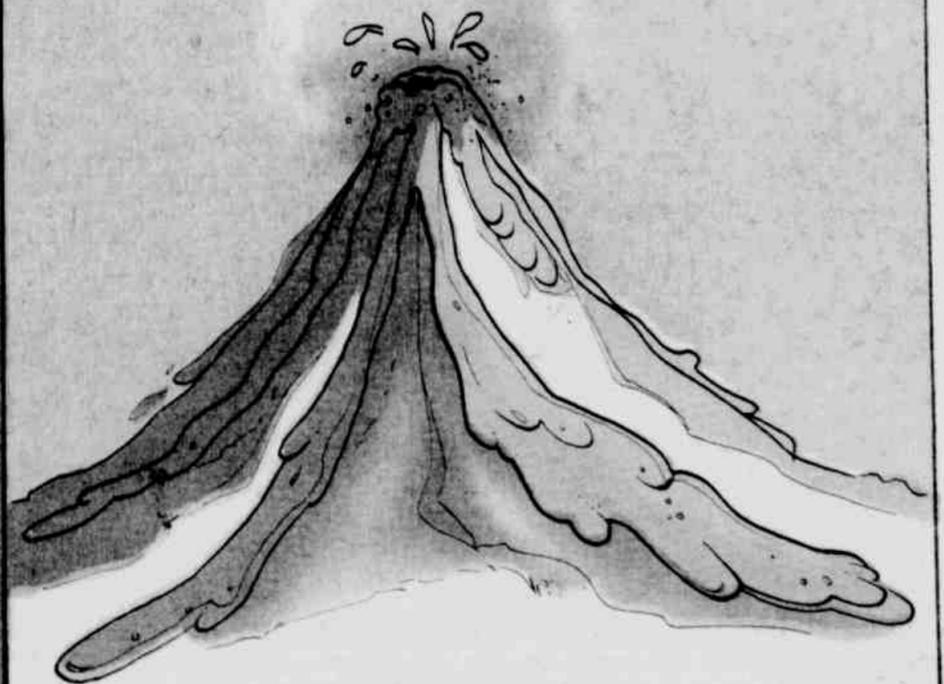
ROSA DOS VENTOS

— Conjunto de pontos usados para orientação: Norte, Sul, Leste e Oeste.



GRUTA

— Escavação, em terrenos calcáreos, feita pela ação erosiva das águas ou pela mão do homem, de forma pitoresca.



LAVA

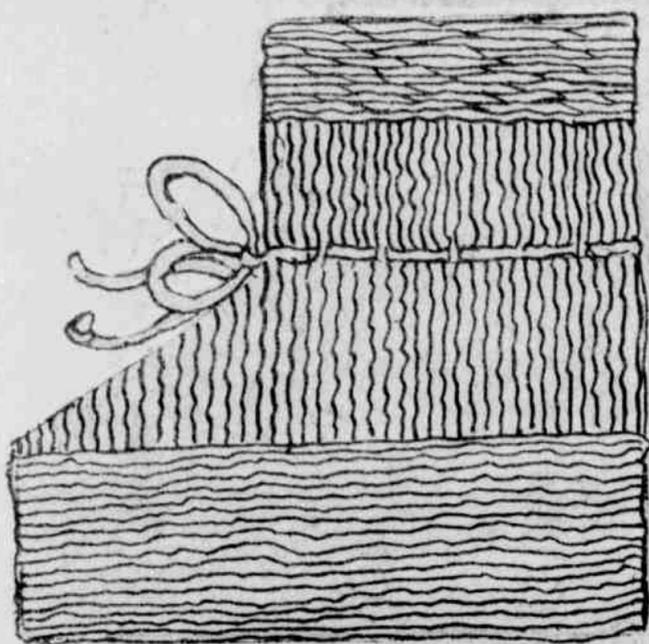
— Matéria em fusão ou já arrefecida e solidificada, que saiu de vulcões em erupção.

TRABALHOS DE LÃ

Fiquei muito contente de receber cartas de algumas sobrinhas pedindo que eu publicasse trabalhos de lã. Isto demonstra que minhas sobrinhas gostam deste mister.

Os trabalhos de agulha e lã são indispensáveis à formação de uma espôsa.

Atendendo, pois, aos pedidos que me foram feitos, publico hoje, nesta página, dois trabalhos de lã. São dois encantadores pares de sapatinhos. Mãos à obra, minhas queridas sobrinhas.



SAPATINHO MARILU

Montar 61 malhas na agulha e trabalhar inicialmente com 6 cordões de tricô. Depois de feitos estes, prosseguir assim:

1.^a carreira: 24 pontos, 3 juntos, 7 meia, 3 juntos, 24 meia.

2.^a e tôdas as carreiras pares: tôda em tricô.

3.^a carreira: 22 meia, 3 juntos, 7 meia, 3 juntos, 22 meia;

5.^a carreira: 20 meia, 3 juntos, 7 meia, 3 juntos, 20 meia;

7.^a carreira: 18 meia, 3 juntos, 7 meia, 3 juntos, 18 meia;

9.^a carreira: 16 meia, 3 juntos, 7 meia, 3 juntos, 16 meia;

11.^a carreira: 14 meia, 3 juntos, 7 meia, 3 juntos, 14 meia;

13.^a carreira: Tôda em meia.

15.^a carreira: Tôda em meia.

A carreira seguinte é em ajour — para passar a fita: 2 malhas juntas, laçada, 2 malhas juntas, laçada etc.

Depois, fazer 8 carreiras em meia e 6 cordões de tricô para finalizar arrematando. Isto é, pegar 2 malhas de uma vez, tornar a passar a malha e tornar a pegar 2, assim até o fim.

SAPATINHO SOQUETE

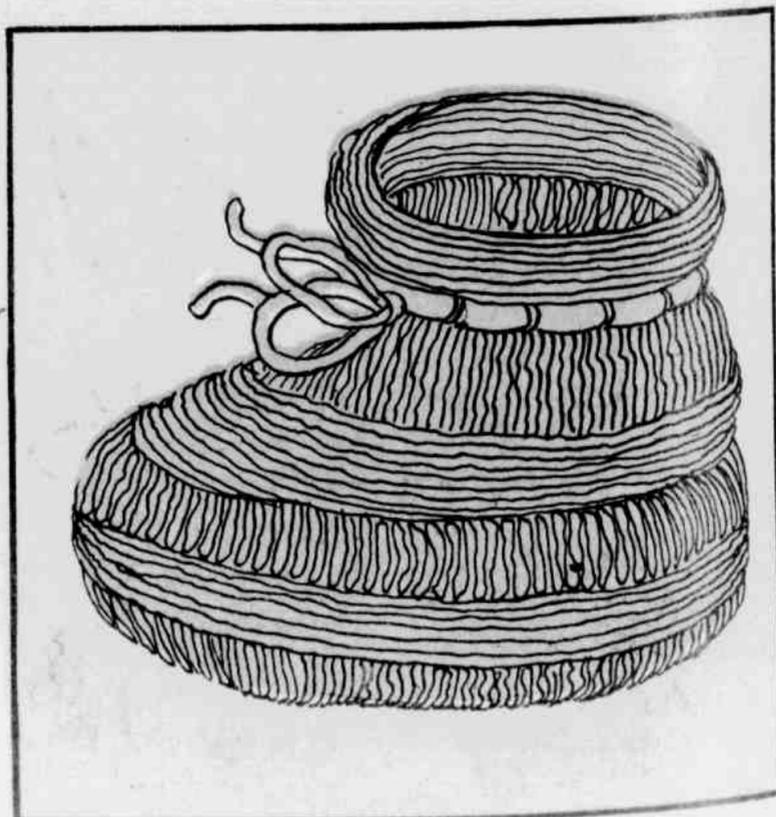
Pontos empregados: liso e jérsei ou então meia e tricô simples.

Agulhas n.^o 2 1/2 mm. 1 metro de fita n.^o 1. 1 novêlo de lã côr suave.

Começar pela solinha, montando 61 malhas. Tricotar em ponto de jérsei no direito e no avêso em liso — 10 carreiras. Na 11.^a mudar o ponto, fazendo liso no direito e jérsei no avêso, também 10 carreiras e assim até completar 5 listas, sendo 3 de jérsei e 2 de liso ou sejam 50 carreiras.

Começar, então, o peito, tricotar ainda em jérsei (é a última lista) 24 malhas e em seguimento 12 do peito e a 13.^a com a 1.^a do outro lado não continuar, voltar tricotando 12 malhas e a 13.^a com a 1.^a do outro lado e assim até completar 4 listas, duas lisas e 2 de jérsei. Fazer em seguida uma carreira de ajour, isto é: 2 malhas juntas, laçada, 2 juntas, laçada até o fim da carreira. É para enfiar a fita ajustando o sapatinho.

A perna é apenas um enrolado obtido com 30 carreiras de jérsei (ponto de meia) no direito do sapatinho e liso no avêso.



Tenho, hoje, o grande prazer de oferecer a vocês um lindo trabalho: o coelhinho, cujo modelo pronto acha-se aqui estampado. Os moldes, em tamanho natural, vão publicados na página 41.

Não é muito fácil condensar a descrição deste trabalho, mas vou tentar fazê-la da melhor maneira possível. Vocês são inteligentes e, com atenção e boa vontade, suprirão as minhas faltas.

Inicialmente, colocar papel impermeável ou de seda sobre a página que traz as partes do molde. Prender o papel com alfinetes para não sair do lugar e copiar tudo direitinho. Em seguida, recortar o molde no papel. Feito isto, observar cuidadosamente quantas partes de cada peça se vai precisar, conforme está marcado em cada uma, no molde. Com alfinetes prenda cada parte no lado avesso da fazenda, para cortar. Se quiser, pode dobrar a fazenda, prender o molde e cortar as duas partes de uma só vez.

Ao recortar o molde no tecido, deve-se deixar em toda a volta a margem de 1 cm para a costura. Isto é importantíssimo e se dá com todas as peças. Antes de tirar o molde do tecido, isto é, soltar os alfinetes, deve-se contornar, com alinhavo, o lado avesso do tecido para que fique marcada a linha exata da costura.

Marcar também com linha, no lado direito do tecido, as marcas assinaladas no molde (lugar das sobranceiras e pontos A e B para a ligação das pernas).

Cortar, do mesmo pano, uma tira ou faixa-de-união, de 4 cm de largura por 70 cm de comprimento.

Material necessário — Além do tecido, dois botões vermelhos ou então dois olhos de vidro especiais para coelhos, encontrados em casas de material de costura e bordado. Quatro botões pequenos simples para pregar as pernas no corpo do coelho (A e B). Retalhos de lã para os bigodes e o rabinho e para bordar as sobranceiras e o nariz. Um corretel de linha da cor do tecido.

As sobranceiras devem ser bordadas em ponto de haste. (Fig. 2).

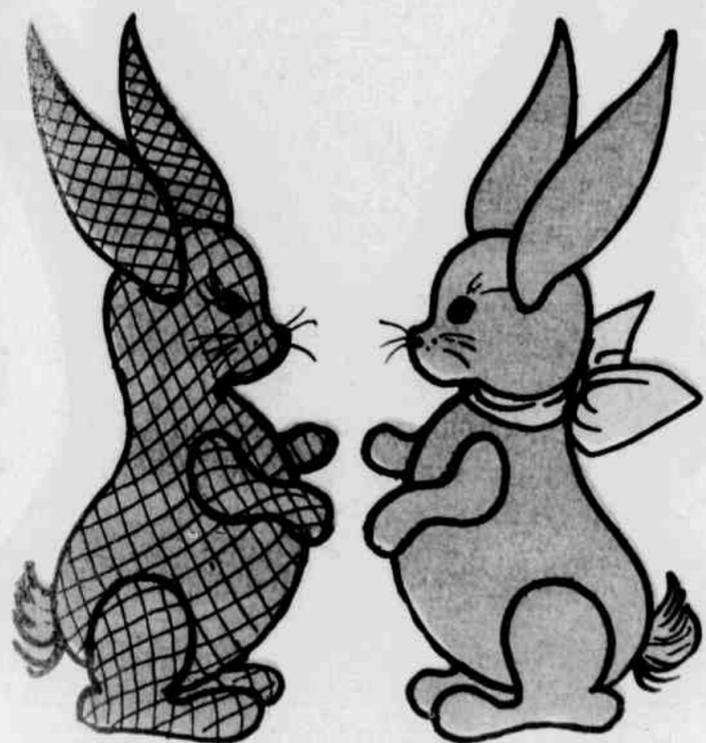
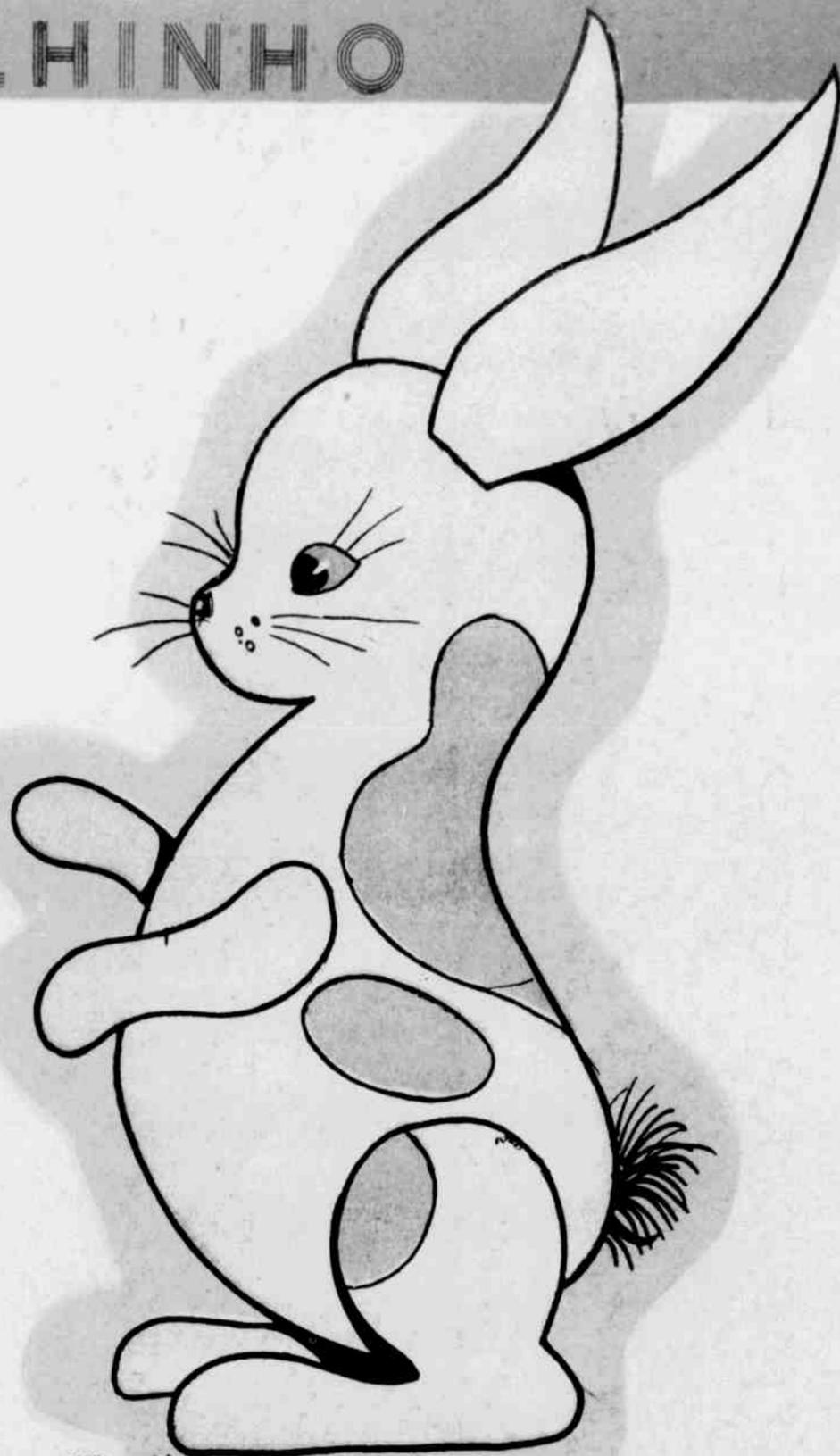
Para fazer os bigodes, passar a agulha com lã de um lado ao outro do nariz, três vezes, deixando de cada uma sobrar um pedaço de 3 cm. Recortar as pontas e dar um nó em cada fio, de cada lado do nariz, junto do tecido (Fig. 1 — Modelo Pronto).

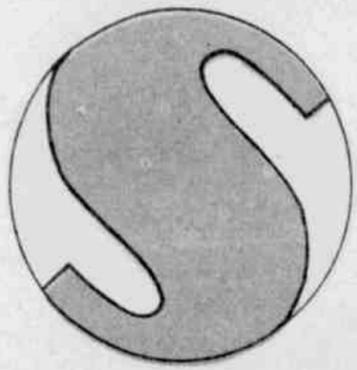
Unir pelo lado direito as duas partes de cada orelha, fazendo a costura pelo avesso, menos a parte de baixo. Virar para o lado direito e pespontar o contorno com linha de cor diferente. Dobrar uma barrinha na extremidade inferior, fazer uma preguinha e costurar no lugar indicado no molde (Fig. 3).

Costurar juntas, pelo avesso, unindo os lados direitos, as duas partes de cada perna, deixando aberta a extremidade inferior. Virar para o lado direito e estofar, isto é, encher de algodão. Colocar as pernas no lugar indicado no molde (A com A e B com B), tomando cuidado para que fiquem no mesmo nível. Passar a agulha com linha 30, através do corpo, prendendo as duas pernas de uma só vez. Colocar o botão contra cada perna, prendendo-o cada vez que a agulha fôr levada para o lado oposto. Passar a agulha várias vezes em cada orifício de cada botão, para que as pernas e os botões fiquem bem presos.

O corpo do coelho consiste em duas partes e uma faixa-de-união. A faixa é costurada entre as duas partes do corpo. É melhor costurar o corpo à mão por ser mais fácil manusear o tecido. Começar a costura na parte de baixo do corpo, fazendo um sinal que marcará o ponto de partida de cada lado. Esses sinais devem ficar na mesma direção. Costurar primeiro a faixa em volta de uma das partes do corpo, deixando 1 cm solto no começo. (Costurar pelo avesso, tendo juntos os lados direito de cada parte). A costura deve ser feita em direção à pessoa que trabalha, de modo a ser mais facilmente ligada à faixa-de-união. Seguir com cuidado a marca para a linha da costura na peça do corpo. Não dar os pontos muito apertados, e fazer um ponto atrás de vez em quando, especialmente nas curvas. Ao encontrar uma curva muito apertada, como no pescoço do animal, deve-se fazer um

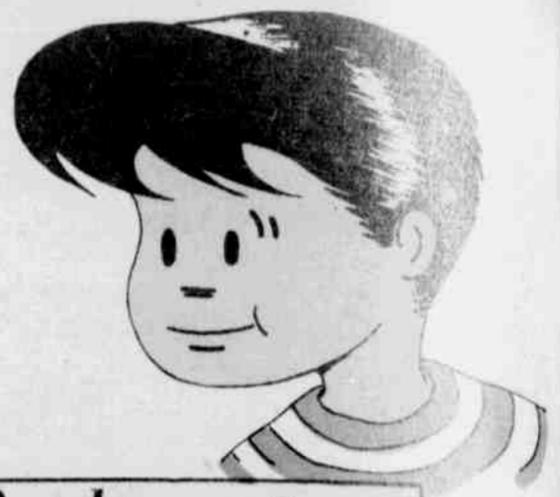
(Conclui na pág 40)



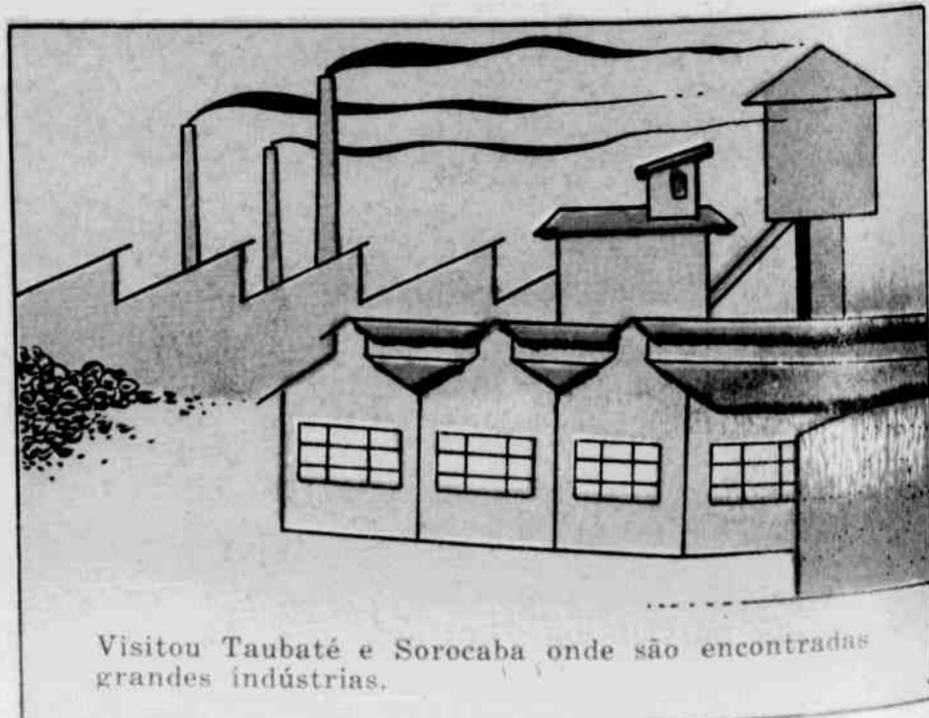
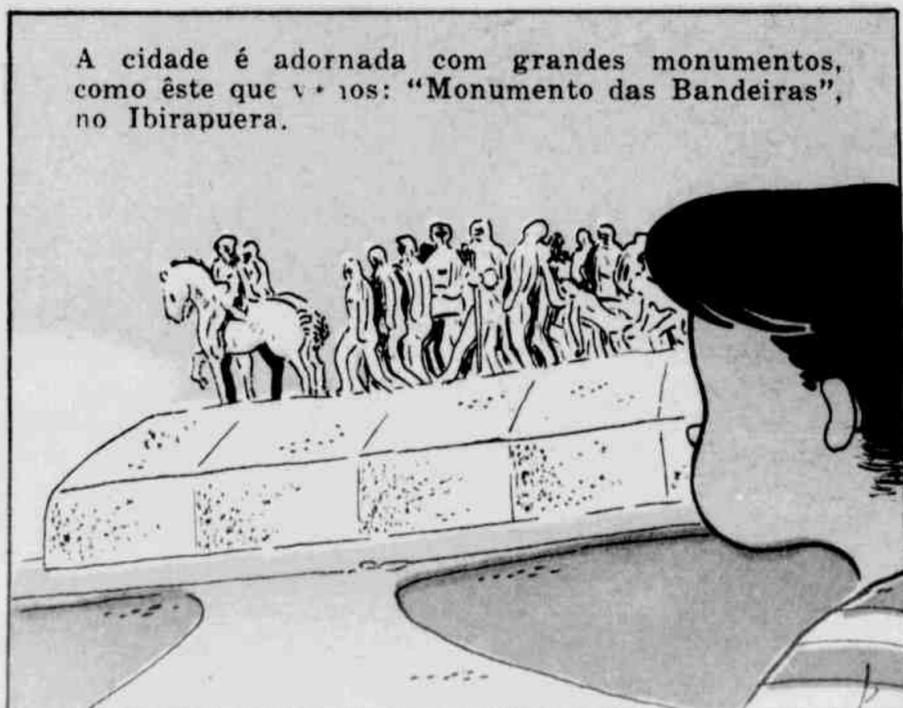
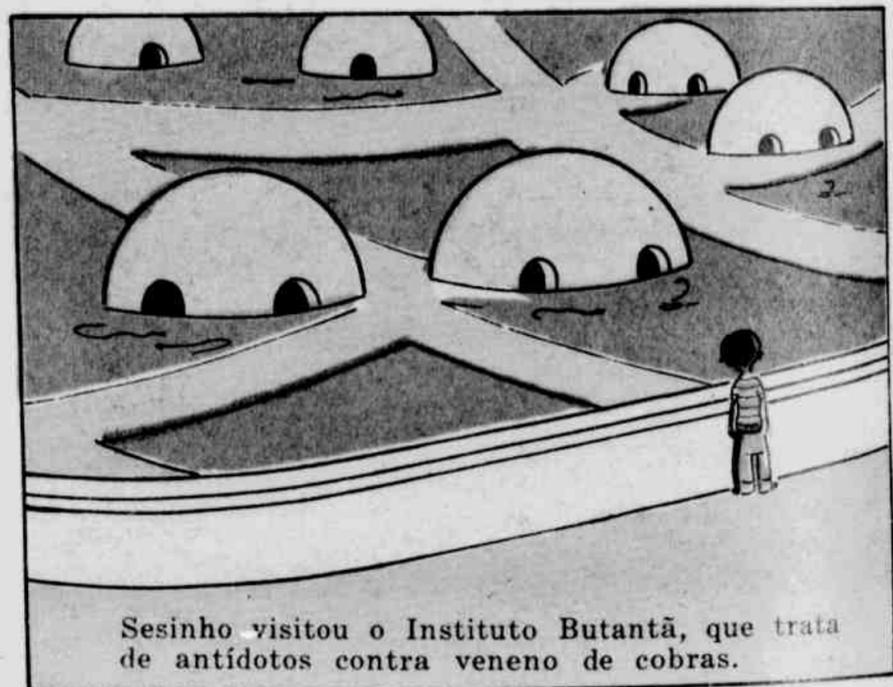


Sesinho

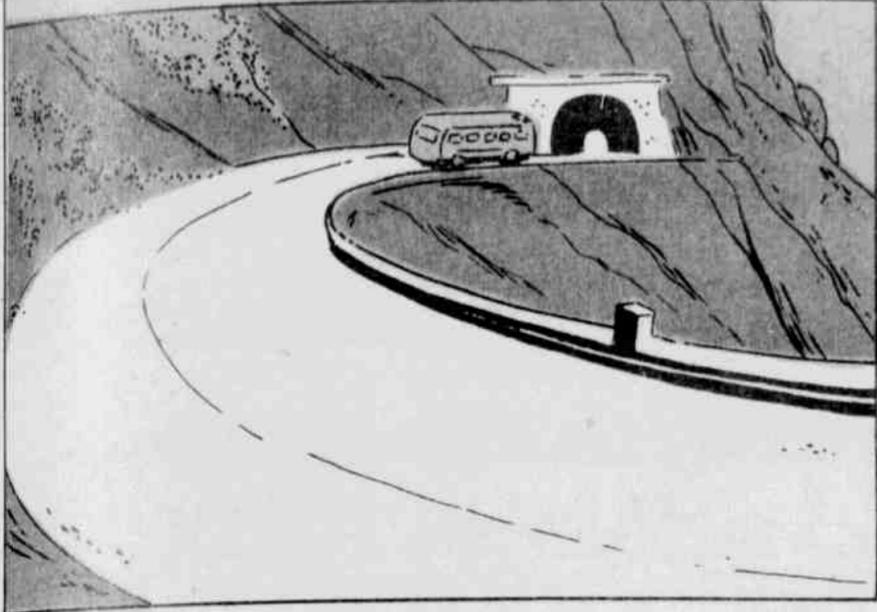
um bom menino



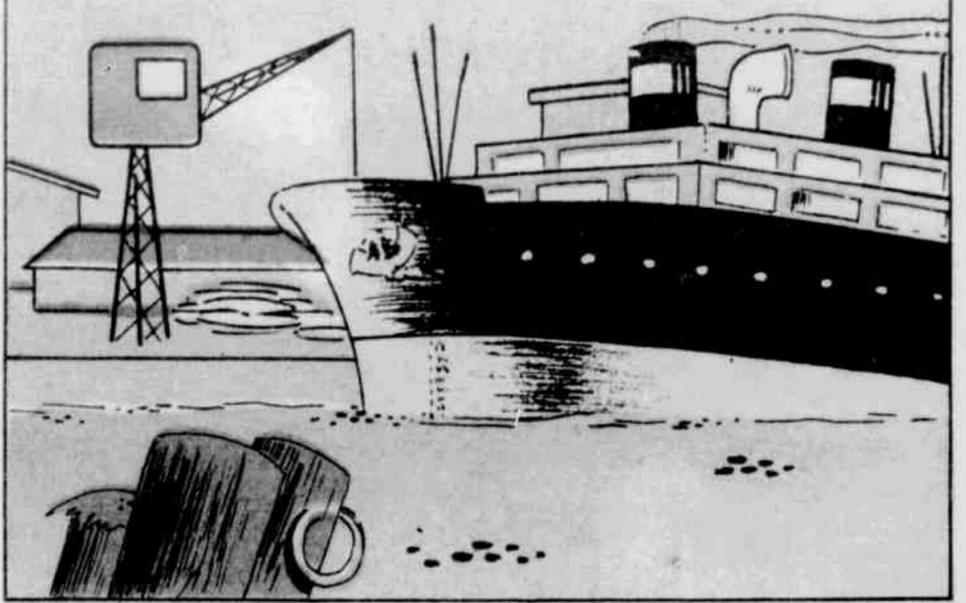
VIAJA PELO BRASIL - São Paulo - 3



Depois rumou para Santos que se acha ligada à Capital por uma grande rodovia, a Via Anchieta.



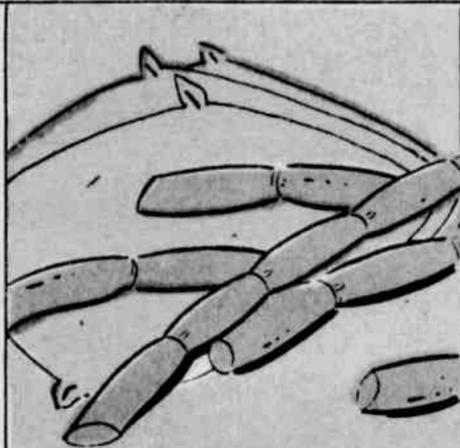
Lá, conheceu o Pôrto de Santos, um dos mais importantes do Brasil e do Mundo.



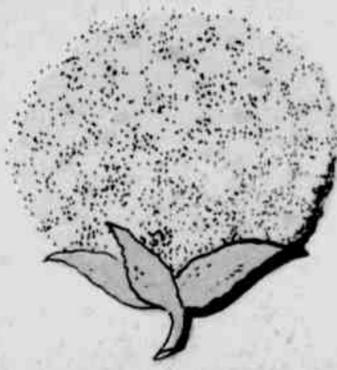
Principais culturas paulistas:



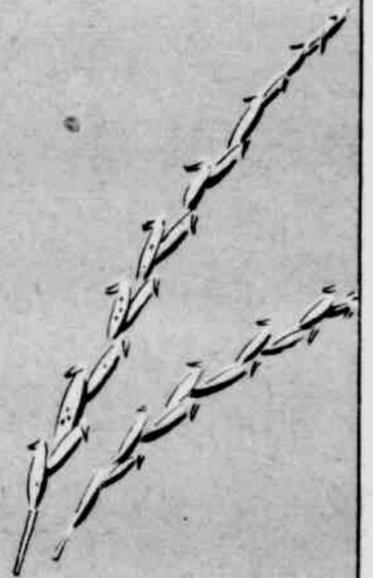
Café



Caná-de-açúcar



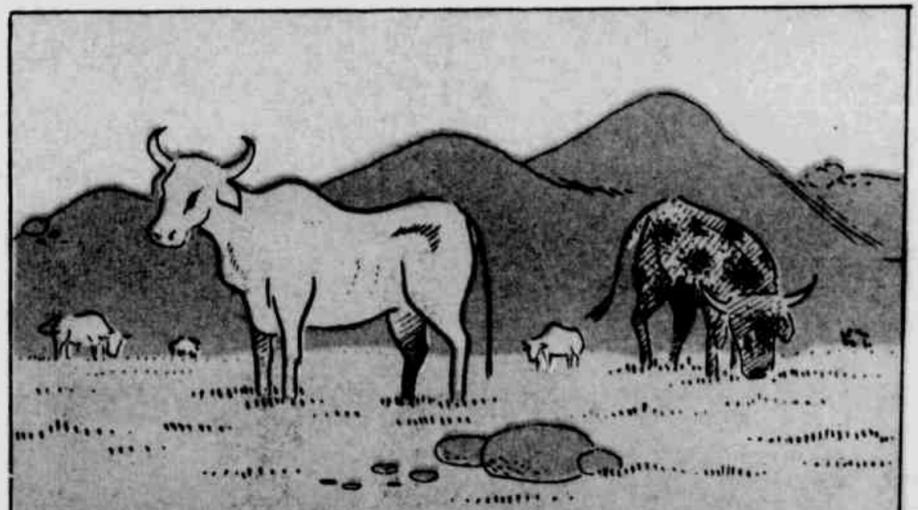
Algodão



Arroz



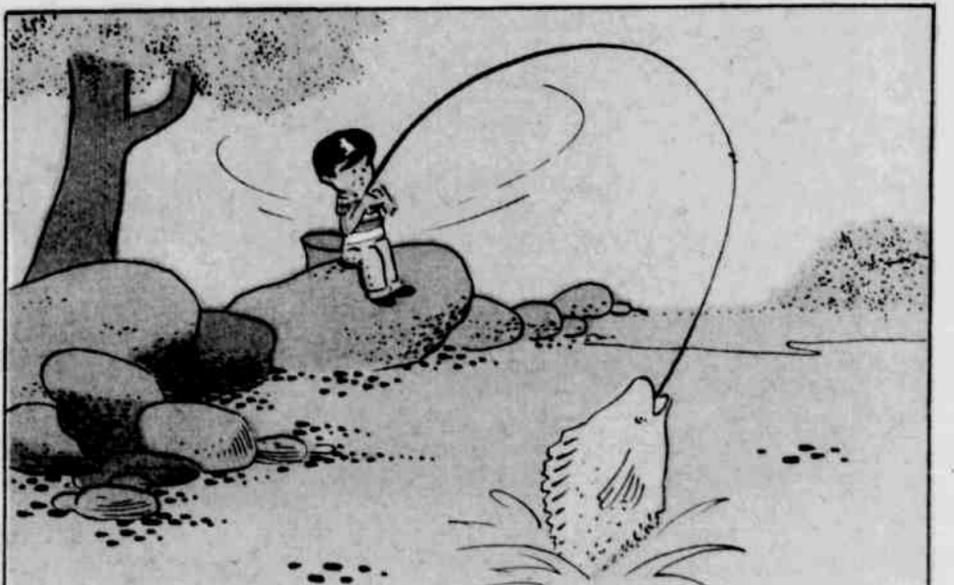
São Paulo, terra do café. Fonte inesgotável de renda do estado e de nosso país. É o maior produtor de café do mundo, com seus 1.288.000.000 cafeeiros.



É o segundo criador de gado da região Sul. A raça bovina é a mais numerosa, com 7.800.000 cabeças.



SESINHO conheceu Marília onde é feita a cultura do bicho-da-sêda.



E, por fim, à espera de sua próxima viagem, resolveu pescar no grande rio que banha a capital paulista, o Tietê.

A FUNDAÇÃO DO IMPÉRIO INCA

TEXTO E DESENHOS DE DINIZ MOURA



Os Incas eram os índios mais civilizados da América do Sul. Cultivavam habilmente a terra, empregando adubos e canais de irrigação. Sabiam trabalhar a pedra, e com ela construía templos, palácios e obras de fortificação. Tinham eficiente sistema de estradas, dotadas de calçamento e de pontes de pedra. Fabricavam curiosas peças de cerâmica. Com o algodão e a lã do guanaco teciam vistosos panos. Também conheciam o uso dos metais como a prata, o cobre e o ouro, com os quais fabricavam utensílios e adereços. Não conheciam entretanto o uso do ferro.

Socialmente eram também muito adiantados. Entre eles era proibida a mendicância e a vadiagem. O roubo era punido severamente. Havia um serviço de correio, que percorria as estradas do império, levando as notícias. Muita coisa que os europeus só há poucos séculos adotaram, os incas já conheciam muito antes da descoberta da América. Assim, além do correio, que já citamos, havia "aposentadoria" para os velhos que não podiam mais trabalhar, registro de nascimento obrigatório, etc. A educação física também era cultivada entre os incas.

Como vocês estão vendo, era bem curiosa a civilização desses índios.

O Império Inca compreendia, antes da sua conquista pelos espanhóis, além do Peru, onde fica Cuzco, sua antiga capital, a Bolívia, o Equador e o norte do Chile.

Qual seria a origem dessa notável civilização? De onde vieram os incas? Influenciados por que povos conseguiram tão adiantado progresso? Os estudiosos ainda não chegaram a uma conclusão, tão complicado é o problema.

Entretanto, para os próprios incas o problema parece não ser tão difícil, tanto que explicam com uma lenda curta e interessante a fundação do seu império por Manco Capac, filho do Sol.

É a seguinte a versão boliviana dessa lenda: Naquele tempo, os homens eram ainda selvagens. Viviam cobertos de peles de animais, famintos, vagando pelas florestas e pelas montanhas, lutando com as feras para poderem alimentar-se.

Pachacutaj, deus de todas as coisas, fez com que o Sol e a Lua, que viviam sempre tão dis-

tantes, se encontrassem. Quando isso aconteceu, os homens, que não sabiam de nada, viram apenas uma enorme mancha no Sol (era um eclipse, como vocês podem imaginar). Encheram-se então eles de pavor, pensando que o mundo ia acabar.

Tempos depois, vieram do norte os filhos do Sol e da Lua. Ele era alto e forte, e tinha a pele dourada como a luz do Sol. Ela era uma donzela meiga e formosa, e tinha a cor clara como a luz pálida da Lua.

Percorreram o mundo, vendo o estado miserável em que viviam os homens. Depois, por ordem do Sol, estabeleceram-se no Lago Sagrado, com a missão de governar os homens e ensinar-lhes o culto do deus dos astros.

Ele subiu à colina Huanacauti e dali se dirigiu aos homens que se apinhavam, atentos, nas ladeiras. Apresentou-se como filho do Sol, e prometeu-lhes uma vida muito melhor que aquela vivida por eles. Prometeu ensinar a lavrar a terra, de modo que houvesse sempre fartura e não mais passassem fome, nem fossem obrigados a lutar com as feras para se alimentarem. Prometeu ensinar a trabalhar a pedra, de modo a poderem construir suas casas, sem ser preciso dormir ao relento e se expor ao ataque dos animais selvagens.

Ao mesmo tempo, a donzela dirigiu-se, da planície, às mulheres. Apresentou-se como filha da Lua, e lhes ensinou um modo melhor de viver, baseado na bondade, no amor e na prudência. Ensinou-as também a fiar e tecer panos para se abrigarem do frio, no inverno.

Assim se foi organizando o povo, segundo as instruções de ambos. Os homens deram ao Filho do Sol o nome de "Inca", que significa "Imperador", e depois também os de "Zapallan-Inca" (Senhor dos Senhores) e "Manco Capac" (rico em justiça e bondade), nome pelo qual ficou mais conhecido. A filha da Lua passaram a chamar de "Mamauchic", que significa "Mãe Nossa".

O Império Inca foi, assim, surgindo na região entre o Rio Pancarpata e o Apurimac. Dentro de pouco tempo todo o Tahuantin ficou povoado de cabanas. Passou a chamar-se, então, Hanan e Hurin Cuzco. Foi essa a origem da Capital do Império Inca, a cidade de Cuzco (que significa "umbigo", isto é, centro do Império).

Passados alguns anos, quando o Sol viu que o filho já havia cumprido sua missão, quis trazê-lo de volta. Manco Capac adoeceu como qualquer mortal e quando sentiu que ia morrer, quis despedir-se do seu povo. Homens, mulheres e crianças desfilavam chorando diante do seu leito, enquanto ele os consolava, recomendando que continuassem trabalhando e cumprindo rigorosamente os seus deveres, e que nunca mentissem, nem roubassem.

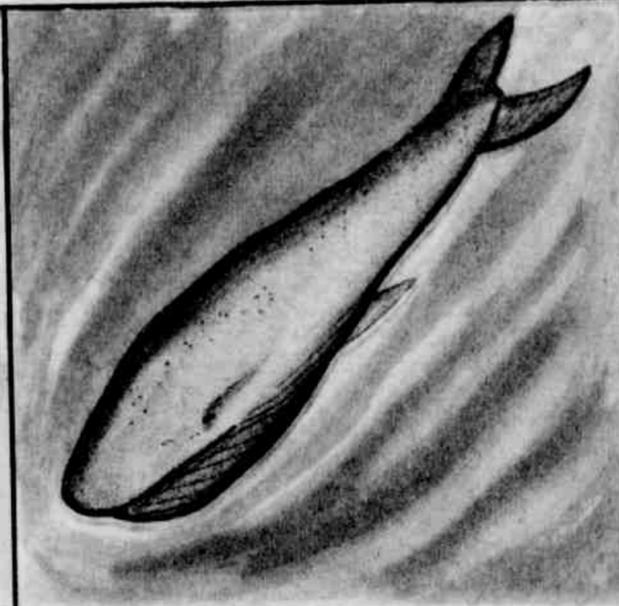
Parece que não foram em vão as palavras do lendário Manco Capac, pois os incas, seguindo-os à risca, tornaram-se, como já dissemos, os índios mais civilizados da América do Sul.





BESOIRO (*Oryctes*)

Invertebrado. Inseto coleóptero. Muito comum no Brasil, onde é encontrado nos jardins, sobretudo à noite, quando gosta de voar em torno da luz.



BALENÓPTERA (*Balaenoptera Physalus*)

Vertebrado. Mamífero. Cetáceo. Habita as águas do Mediterrâneo e Atlântico. Alimenta-se de crustáceos oceânicos. Mede até 24 m de comprimento.



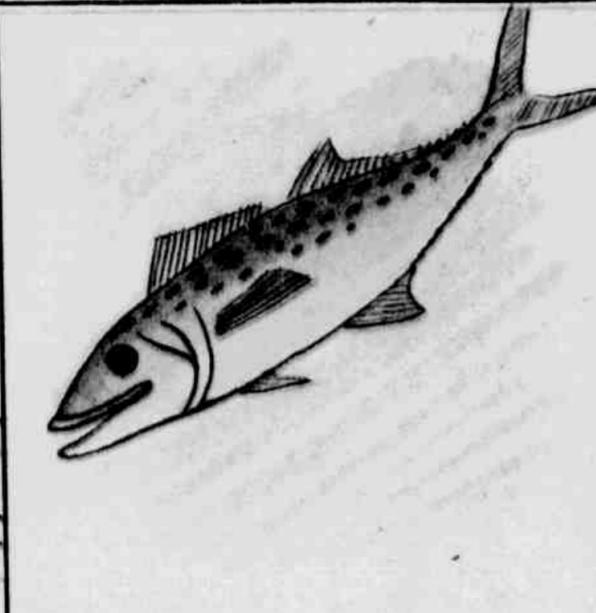
BUCERO (*Rhytidoceros*)

Vertebrado. Ave trepadora. Seu "Habitat" é a Nova Guiné, onde costuma nidificar nos troncos ôcos das árvores. Nutre-se de frutos e grãos.



BARBADO (*Amphibolurus Barbata*)

Vertebrado. Réptil. Saurio. Mede 30 cm de comprimento e vive na Austrália. Seu nome é devido a barba que lhe envolve a cabeça.



BONITO PINTADO (*Gymnosarda Alleterata*)

Vertebrado. Peixe de água salgada. Vive nos mares tropicais e sub-tropicais. Mede 65 cm de comprimento e pesa de 3 a 6 quilos.



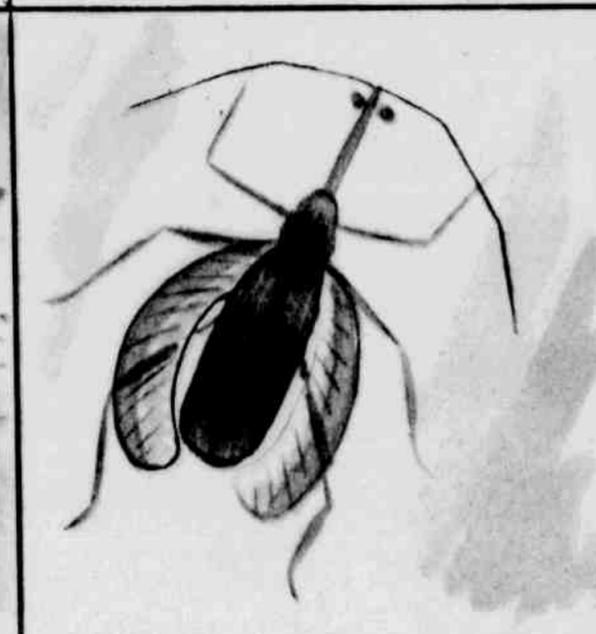
BABUINO (*P. Gynocephalus*)

Vertebrado, mamífero. Primata. Mede 1,50 cm de comprimento, do focinho à cauda. É encontrado no território de Sudão e África Portuguesa.



BEZERRO (*Vitulus*)

Vertebrado. Mamífero ruminante. Comum em quase todas as regiões do mundo. É produto do acasalamento do touro com a vaca. Também chamado VITELU ou GARROTE.



BESOIRO FANTASMA (*Oryctes Diabolicum*)

Invertebrado. Inseto coleóptero. Muito curioso devido ao formato do seu corpo. Vive sob as pedras e cascas de árvores. Mede 8 cm, aproximadamente.



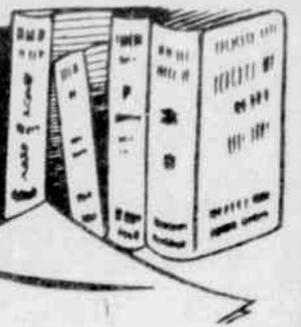
BOI ALMISCARADO (*Ovibus Moschatus*)

Vertebrado. Mamífero ruminante. Vive em grandes manadas nas regiões rochosas. Quando em perigo, defende os filhotes formando um círculo em torno deles.



Fale e escreva certo

VALMIRIO DE MACEDO



Ortografia (III)

GRAFIA DOS DITONGOS

Antes de aprendermos a grafia dos ditongos, precisamos compreender certas coisas.

Vejamos:

Quando escrevemos uma palavra, usamos vogais e consoantes. As consoantes não formam sílaba, sòzinhas. Funcionam junto a uma vogal com a qual formam sílaba. Daí é que vem o seu nome: consoante (com + soante = a que soa com outra).

As vogais podem formar sílaba sòzinhas.

Ex.: ave

Temos aí duas sílabas: a — ve.

Como podemos observar, a primeira sílaba é — a —. A segunda é — ve.

Na primeira sílaba, temos, apenas, uma vogal. Na segunda, temos uma consoante e uma vogal.

Em conclusão, a vogal pode formar sílaba sòzinha ou acompanhada de uma consoante.

A consoante só pode formar sílaba, acompanhada de uma vogal.

Acontece, também, que encontramos, numa mesma palavra, juntas duas vogais. Se essas duas vogais se pronunciarem de uma só vez, dizemos que se trata de um ditongo. A vogal menos importante do ditongo chama-se *semivogal*.

Assim: *pai* — ditongo *ai* — semivogal: *i*
lei — ditongo *ei* — semivogal: *i*

Doravante, quando falarmos em semivogal, já sabem que se trata daquela vogal que na pronúncia se apoia na outra.

Entremos, então, na grafia dos ditongos: O problema é a grafia da semivogal.

Se o ditongo é oral, a semivogal é *i* ou *u*.
Exs.: *pai*, *lei*, *vou*, *dou*, *mau*, *pau*, *dei*, *nau* etc.

Se o ditongo é nasal, a semivogal é *e* ou *o*.
Exs.: *mãe*, *pão*, *vão*, *dão*, *não*, *mão*, *põe* *pães* etc.

Há, ainda, o problema de acentuação. Só levam acento os ditongos *éi*, *ói*, *éu*, quando abertos e tônicos:

Exs.: *papéis*, *herói*, *chapéu*, *idéia*, *jibóia*, *heróico*, *geléia*, *céu* etc.

Observem-se, para comparar, as palavras abaixo:

meu, *passeio*, *odeio*, *dois*, *foi*, *pois* etc.

É evidente que os ditongos nasais levam o til: *anão*, *coração*, *corações* etc.

EXERCÍCIO:

Destaque as palavras grafadas corretamente quanto ao ditongo:

pae, *máu*, *grao*, *grão*, *estrela*, *tabareu*, *veu*, *teu*, *carretéis*.

(Respostas à pág. 40)

(Conclusão da pág. 8)

fólha. A lagartinha dormia num prodígio de quietura e sossêgo. Os pássaros buscaram outras bandas. As abelhas recolheram-se aos seus esconderijos. Só as formigas continuavam, de um lado para outro, com seus eternos torrõesinhos na cabeça.

O céu teimava em só vestir de cinzento e mais parecia um velho tristonho esperando a morte. E, como sempre acontece quando o céu se torna rabugento, a natureza também estava triste e reservada. Só se ouvia o açoite do vento e o gemido da galharia indefesa que, nas suas mãos, retorcia-se, gemia de cortar o coração. Os galhos mais finos, soltando um estalo de dor, despencavam-se das alturas e batiam no chão com um ruído sêco e breve.

A lagartinha dormia, inconsciente de tudo, na sua alcova morninha e a coruja, encolhida no ôco do pau, só ela, assistia a tudo, sábia e sobranceira.

Mas, lá um dia, o céu cansou-se de seu manto cinzento. Sacudiu-o violentamente e êle desatou estrepitosamente sôbre a terra numa chuva torrencial. Choveu até a última gôta e o céu tornou a vestir seu manto de um azul infinito. O sol, novinho em follha, espalhou ouro por tôda a parte e os rebentos que estavam cautelosamente escondidos no seio da árvore-mãe, um a um, começaram a botar para fora as cabecinhas verdes e curiosas. Pouco a pouco, também a natureza, foi-se tornando colorida. O vento, cansado de suas correrias loucas, recolheu-se para descansar, permitindo que a brisa passasse tranqüilamente.

A lagartinha começou a acordar do seu longo sono.

— Dormi tanto! Será por quanto tempo? Está tão quente aqui dentro. Preciso tomar um pouco de ar.

Espreguiçou-se, ainda pesada de sono.

— Vamos preguiçosa, levanta! — exclamou para si mesma, tentando vencer a sonolência que teimava ainda em subjugar-la.

Precisava de ar. Espreguiçou-se. Espreguiçou-se com mais força ainda e, para sua grande surpresa, alguma coisa desenrolou-se do seu corpo com violência, indo romper a teia espessa de fios que a enclausurava. O ar fresco e a luz intensa deixaram-na, por instantes, completamente tonta e cega. Recuperou-se logo e ficou ainda mais espantada ao perceber que, do seu corpo, saía um grande par de asas, as quais podia mover à sua vontade. Seu espanto logo se transformou numa alegria louca, inebriante. Imediatamente, sentiu uma irresistível atração pelo espaço. Jogou-se no vazio. As asas possantes sustentaram-lhe o corpo delgado e ela ganhou distância em curvas graciosas.

Uma delícia de aroma guiava-lhe o vôo. Voou, voou, seguindo apenas o chamado daquele perfume embriagador.

Ao fazer a volta de um arbusto, viu pela primeira vez outra criatura igual a ela. Uma força irresistível fez com que se aproximassem e aquêle par de borboletas, com suas côres maravilhosas, foram dar encanto ainda maior às flôres do prado vicejante.

A velha coruja, do ôco do pau, foi a única espectadora daquela cena de encantamento. Fechou os olhos como vida, permitindo que aquêle instante de beleza penetrasse até o âmago do seu ser, dando alento novo à sua alma saturada de sabedoria.



O COELHINHO

(Conclusão da pág. 33)

pique com a tesoura na margem para a costura até quase a linha desta. Ao chegar ao ponto onde se começou a costurar, dobrar para dentro o pedacinho deixado sem costurar e continuar cosendo mais um pouquinho passando por cima da dobra. Costurar a outra parte do corpo na faixa-de-união da mesma maneira que a anterior, tomando cuidado para começar no sinal feito para haver correspondência entre as duas. Arrematar 5 cm antes do ponto inicial, para que essa abertura bem como a da faixa, sirvam para virar a peça e introduzir o enchimento.

COMO SE DEVE ENCHER O CORPO — Vira-se o corpo para o lado direito pela abertura deixada. Introduz-se a paina ou algodão pouco a pouco, calcando bem

com um lápis, modelando o bichinho à medida que o enchimento for colocado. Para que êle fique firme, deve-se encher bem. Virar a bainha para dentro da parte que se deixou aberta para o enchimento e coser, fechando com pontos firmes.

RABINHO — Corta-se um pedaço fininho de papelão de 5 cm de comprimento e enrola-se lã em torno dele no sentido do comprimento, dando mais ou menos 25 voltas. Amarra-se um fio numa das pontas no meio das laçadas formadas, dando nós fortes. Aparar-se com a tesoura as laçadas do outro lado. Pregar no coelhinho dando um formato de pompom.

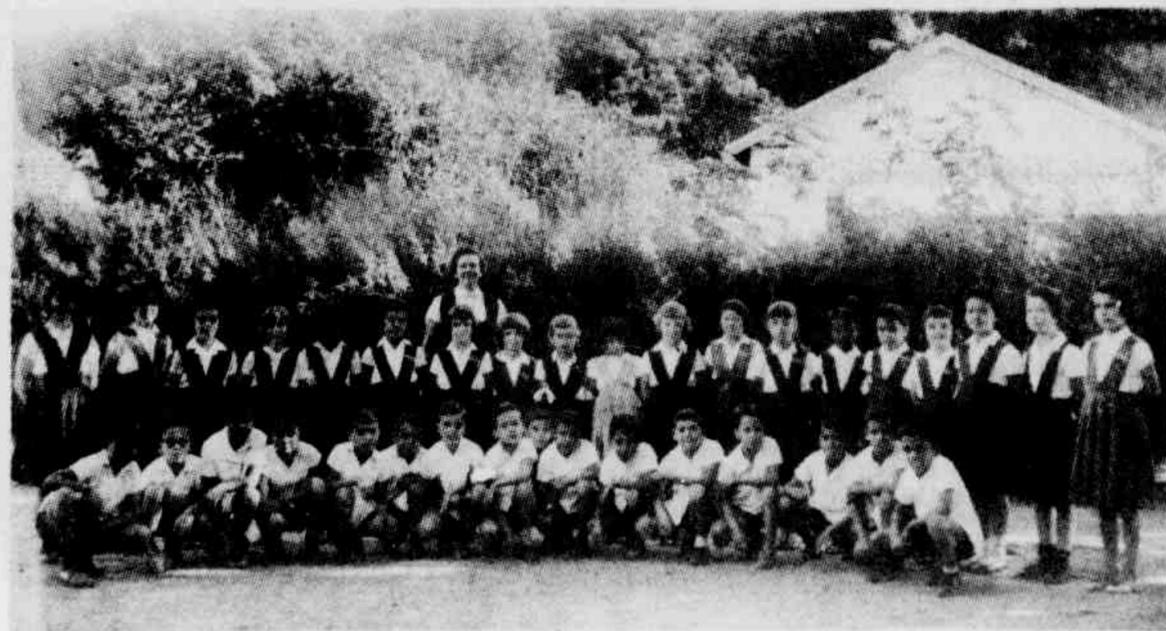
NARIZ — Fazer um triângulo de ponto cheio no centro da faixa-de-união bem em frente ao ponto indicado para o nariz.

O coelhinho pode ser feito com pelúcia, pano cinza com aplicações brancas, pano xadrez ou qualquer outra cor, de acôrdo com o gôsto de cada um.

CLUBE DE LEITURA "VOVÔ FELÍCIO"

Em companhia da professora da classe, d. Hilda da Silva Resende, aqui estão os alunos do 3.º ano An¹ An², do Grupo Escolar "Cel. J. J. Souza", de Bicas, componentes do Clube de Leitura "Vovô Felício", em pose especial para a nossa revista.

Correção: Exercício da pág. 39
grão, teu, carretéis



BASE DA PERNA TRASEIRA
CORTAR 2 PARTES

FIG. 6

ORELHA

ORELHA
CORTAR 4 PARTES

FIG. 3

FIG. 4

PERNA DIANTEIRA

+ - A

FIG. 2

+ - B

PERNA TRASEIRA
CORTAR 4 PARTES

CORPO
CORTAR 2 PARTES

PERNA TRASEIRA

+ - B

PERNA
DIANTEIRA

FIG. 5

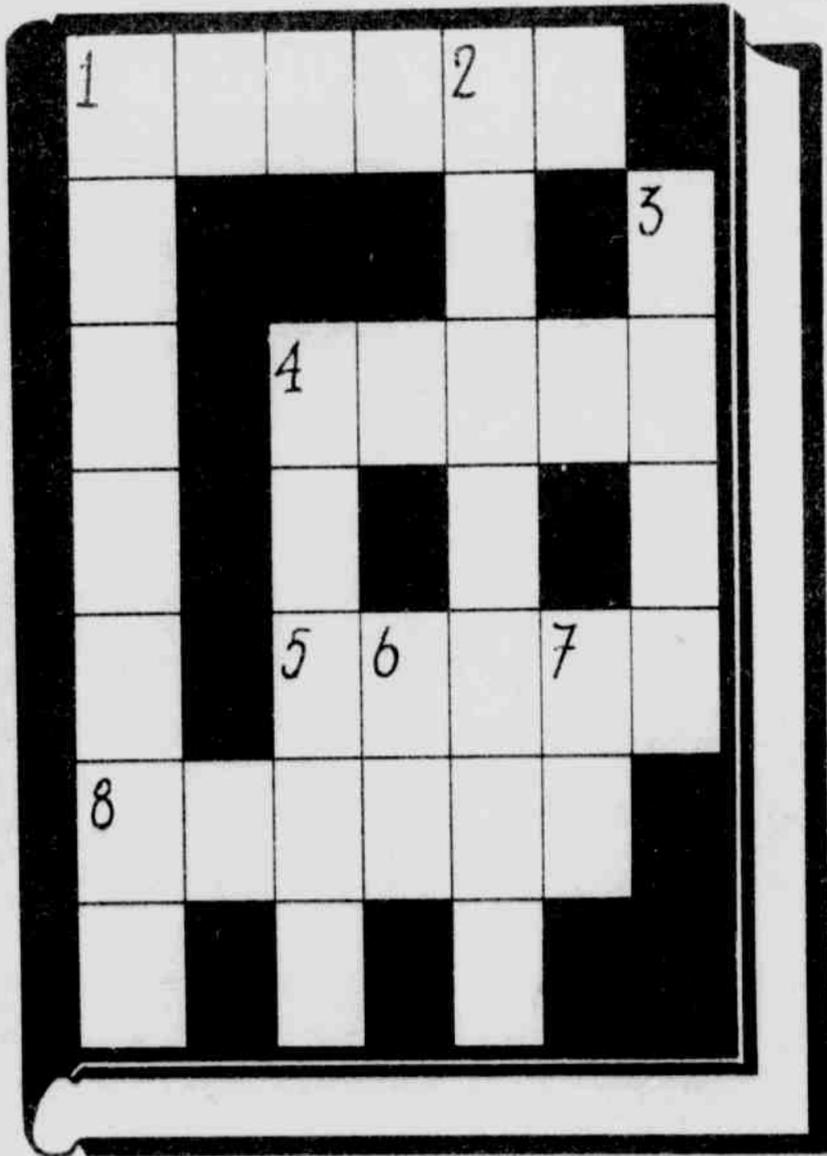
CORTAR
4 PARTES

+ A

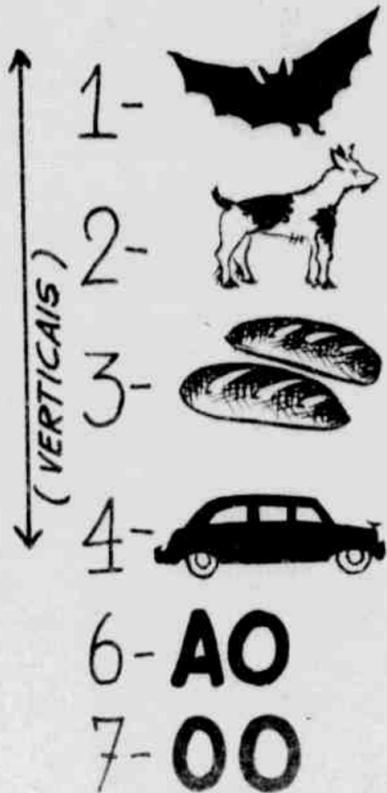
RABO

Parque de diversões

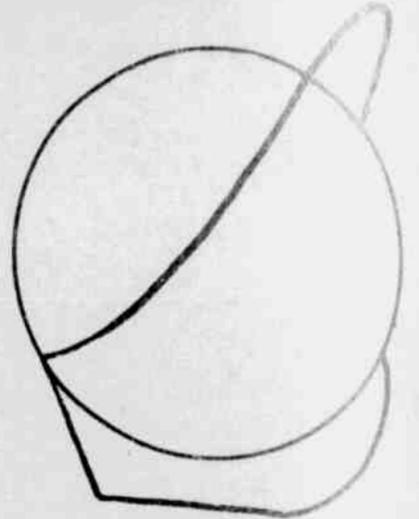
Palavras Cruzadas Figuradas



(HORIZONTAIS)



VAMOS
DESENHAR?



Veja como é simples desenhar o nosso amigo **Sesinho**. Pegue um lápis e, seguindo o sistema de nosso desenhista, observe a facilidade com que você fará esta figura.

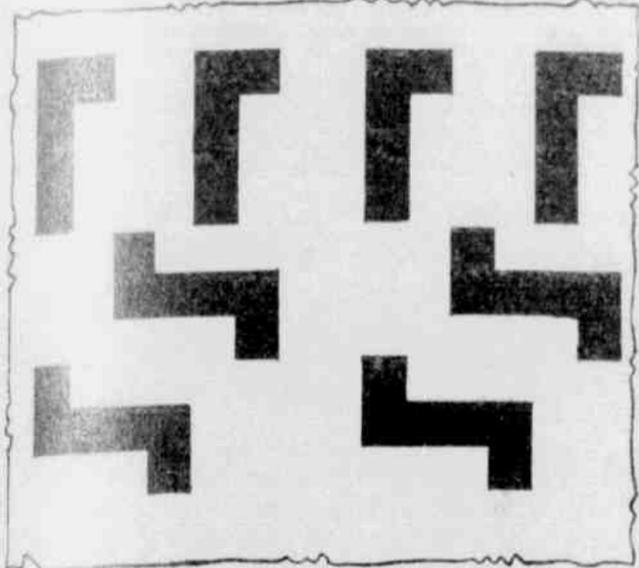


CHARADAS

- 1 - O *pronome* e um *nobre* formam o peixe. 1-2.
- 2 - A *perversa* tem *motivo* de com a *variação pronominal* aqui ter a ciência dos números. 1-2-1-1.
Léo Gustavo de Castro Bulow.
- 3 - *Giro* com a *piadosa* para ver o que faz o pião em movimento. 2-2.
- 4 - A *cidade de Portugal* quando *contente* é Capital de Estado do Brasil. 2-3.
Heleni Pires de Castro.
- 5 - A *criminosa* e o *animal* formam o riacho. 1-2.
- 6 - A *fruta* e a *nota musical* formam o animal. 2-1.
Maria da Graça Carvalho de Castro.
- 7 - Na *parte do chapéu* procure a fruta. 2-2.
- 8 - Aqui é bonito o que está na cabeça. 1-2.
Germano Campos.
- 9 - A *condenada no corte* é um pedaço de pano. 1-2.
- 10 - A *variação pronominal ora* pelo meu nome. 1-2.

Tereza Cristina Santos do Carmo.

VAMOS RECONSTRUIR ESTE QUADRADO?



Eis aqui um quadrado em pedaços. Vamos reconstruí-lo? Recorte as partes em preto e mãos à obra.



Procure o bezerinho que se escondeu do negrinho.

Onde nasceram as meninas? Seus nomes dizem.

PROVÉRBIO FIGURADO



Eis aí um provérbio figurado. Está bem fácil o dêste mês. Pense um pouquinho e resolva-o.

MARIA S. IGNÊS



ANA S. MOZA



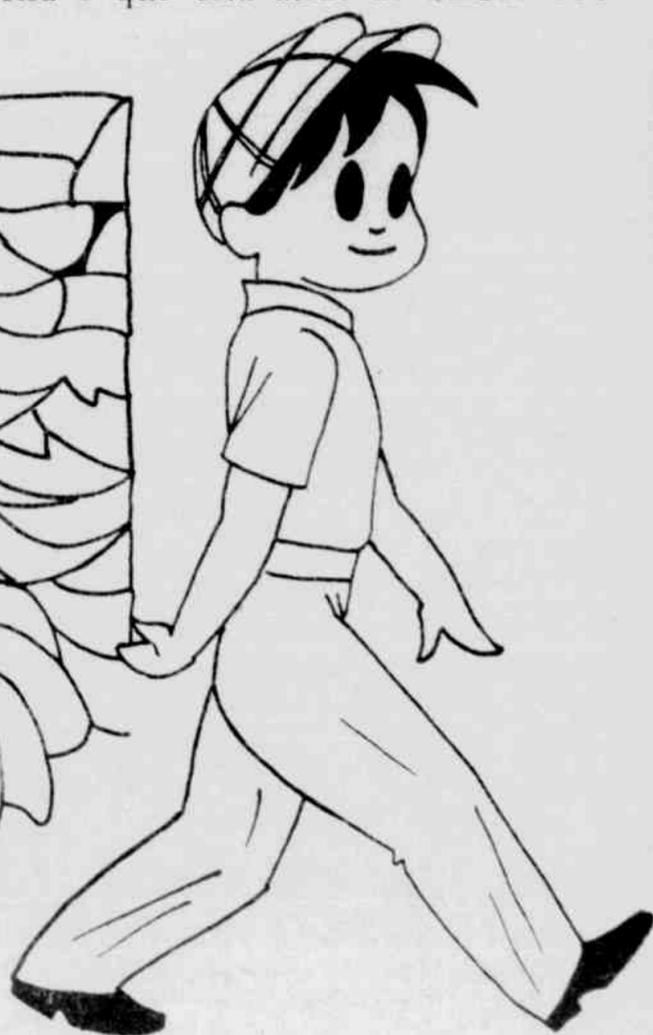
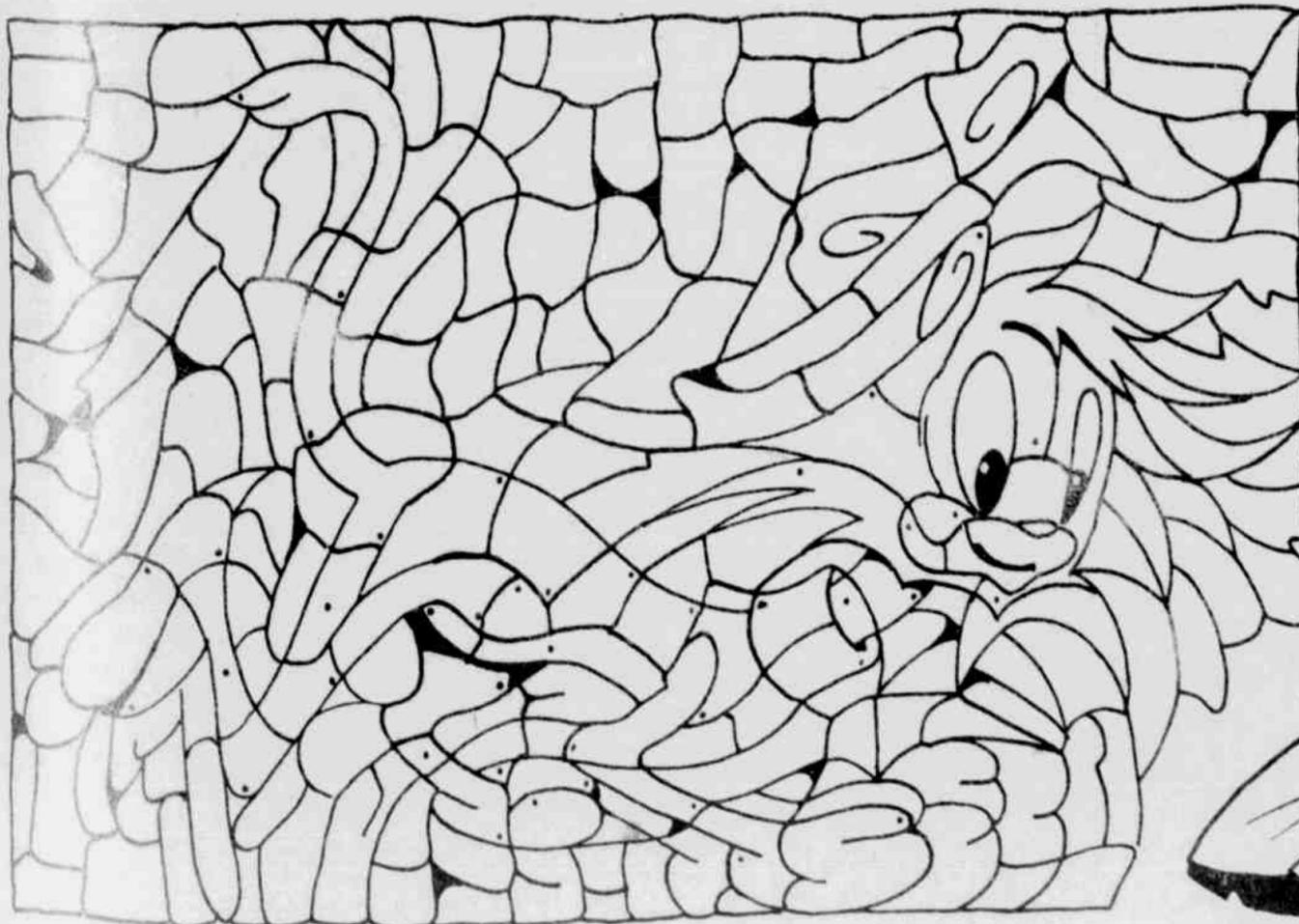
DIONE R. LUGRADOS



ZIRALDO

Pegue um lápis e cubra as partes assinaladas com um ponto. Assim, você descobrirá o que está atrás do SESINHO.

QUE SERÁ ?



“VICENTE GUIMARÃES” e “VOVÔ FELÍCIO”

Continuamos neste número, a publicação da relação dos Clubes de Leitura, Bibliotecas, Grêmios Literários e Horas de Histórias que, este ano, nos comunicaram a escolha dos nomes de Vovô Felício e Vicente Guimarães para patrões.

CLUBES DE LEITURA “VICENTE GUIMARÃES”

Classe: 3.º ano
Prof.^a Léa Fonseca
Grupo Escolar “Conde de Afonso Celso”
ALMENARA — MG.

Classe: 4.ª série
Prof.^a
Grupo Escolar “Raul Soares”
ALTO RIO DOCE — MG.

Classe: 4.ª série n.º 11
Prof.^a Stela Vieira Gomes
Grupo Escolar “Monsenhor Bicalho”
ALVINÓPOLIS — MG.

Classe:
Prof.^a Celuta Cruz
Grupo Escolar “Delfim Moreira”
ARAXÁ — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.^a D. Madalena
Grupo Escolar “Bernardo Monteiro”
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 4.ª série
Prof.^a Isa Dias Duarte
Grupo Escolar “Benvinda de Carvalho”
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.^a Conceição Araujo
Grupo Escolar “Flávio dos Santos”
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.^a Leni Teixeira
Grupo Escolar “Prof. Morais”
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Luiza Maria Diniz Ferreira
Grupo Escolar “Prof. Morais”
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 3.ª série n.º 11
Prof.^a Martha Tôrres de M. Paiva
Grupo Escolar “Vigário Duarte”
CAPELA NOVA — MG.

Classe: tôdas
Diretora: Olívia Felício
Grupo Escolar “Marcílio Dias”
CARABUCU — EST. DO RIO

Classe: 4.º ano
Prof.^a Regina Coeli M. de Barros
Grupo Escolar “N. S. da Piedade”
CARVALHOS — MG.

Classe: tôdas
Diretora: Maria de Lourdes Murta
Grupo Escolar “Cel. Mariano Murta”
CEL. MURTA — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.^a Isa Rodrigues Monteiro
Grupo Escolar “Domingos Bebiano”
CONSELHEIRO LAFAIETE — MG.

Classe: 4.º ano n.º 6
Prof.^a
EE. RR. “Prof. Maximiano Lambert”
CÓRREGO DO BOM JESUS — MG.

Classe: 3.ª série
Prof.^a Terezinha de Souza Batista
Escola 5-8 “Virgínia Pinto Cidade”
DISTRITO FEDERAL.

Classe: 2.º ano
Prof.^a Alvarina T. Belato
Grupo Escolar “Sec. Tristão da Cunha”
DIVISA NOVA — MG.

Classe:
Prof.^a Irene Vieira
Escola Estadual “São Roberto”
GOUVÊA — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Helena Batista
Grupo Escolar “Euclides da Cunha”
JANAÚBA — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Dinah Lopes
Grupo Escolar “Francisco Bernardino”
JUIZ DE FORA — MG.

Classe: 3.ª série
Prof.^a Marina dos Reis
Grupo Escolar “Batista de Oliveira”
JUIZ DE FORA — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.^a Isa Duarte
EE. RR. “Lamonier Godofredo”
LAMONIER — MG.

Classe: 5.ª série
Prof.^a
Escola Normal Oficial de
PATOS DE MINAS — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Odete Estêves de Medeiros
Classes Anexas à Escola Normal e
Ginásio Estadual de
RIO PRÊTO — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Inês Stuart Senra
Grupo Escolar “Modestino Gonçalves”
SANTA LUZIA — MG.

Classe: 3.º ano
Prof. Justina Israel Ferreira
Grupo Escolar “Clotilde de Simone”
S. JOÃO BATISTA DO GLÓRIA
— MG.

Classe: 4.º ano
Prof.^a Luci Fonte Boa
Grupo Escolar “Cons. Afonso Pena”
SÃO GOTARDO — MG.

Classe: 4.ª série
Prof.^a Cesarina de Paula Lucas
Instituto “Joaquim Soares de Oliveira”
SANTOS DUMONT — MG.

Classe: 4.ª série I
Prof.^a Iraci Pires
Grupo Escolar “Desembargador Aprígio R. Oliveira”
SÃO BRÁS DO SUAÇUI — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.^a Marlene Lopes Cançado
Grupo Escolar “Prof. Martinho Matos”
SÃO GONÇALO DO ABAETÉ
— MG.

Classe: 4.º ano
Prof.^a Maria de Lourdes Couto
Grupo Escolar “Cons. Afonso Pena”
SÃO GOTARDO — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Luzia Pedroso
Grupo Escolar “Campos do Amaral”
S. SEBASTIAO DO PARAÍSO
— MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Carmem Rocha
Grupo Escolar “Dr. Manoel Estêves”
TEÓFILO OTONI — MG.

Classe: 4.ª série
Prof.^a Maria do Carmo Andrade
Grupo Escolar “São José”
UBA — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.^a Margarida Maria R. Mariano
Grupo Escolar “Brasil”
UBERABA — MG.

Classe: 3.º ano An2 Bn2
Prof.^a Maria da Paz Barcelos
Grupo Escolar “América”
UBERABA — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Cornélia Terezinha de Lima
Grupo Escolar "Bom Jesus"
UBERLÂNDIA — MG.

Classe: tôdas
Vigário: Frei Adalberto M. Tarallo
Escola Paroquial "Pio XII"
UBERLÂNDIA — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Irmã Sebastiana Maria
Colégio "Nossa Senhora"
UBERLÂNDIA — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Alaide Braga
Grupo Escolar "Dr. Duarte Pimentel
de Ulhôa"
UBERLÂNDIA — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Enilza Nery
EE. RR. "Maria Goretti"
VILA ROMARIA — MG.

Classe:
Prof.ª Lourdes Fontes
Escola Primária Adventista
F. N. M. S/A — KM. 50
XERÊM — ESTADO DO RIO.

Classe: 4.ª série n.º 10
Prof.ª Semiramis Duarte
Grupo Escolar "Odilon Behrens"
S. SEBASTIÃO DO RIO PRÊTO
— MG.

Classe: 3.ª série A
Prof.ª Geralda G. dos Santos
Salvador
EE. RR. "Oscar Artur Guimarães"
SÃO VICENTE — MG.

Classe: 3.º ano n.º 7
Prof. Jacó de Freitas
EE. RR. "Wander de Andrade"
TAPIRAI — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.ª Nazira R. Prates
Grupo Escolar "Tristão da Cunha"
TEÓFILO OTONI — MG.

Classe: 4.ª série
Prof.ª Guiomar Almeida Vilela
EE. RR. São Francisco
VARGEM BONITA — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.ª Maria Alves Teixeira
Escola 12 de dezembro
Rua Curitiba, 1536
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 4.ª série primária
Grupo Escolar "Padre Miguel Vital"
PIONEIRAS — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Maria Nely Menegaz
Grupo Escolar "Noraldino Lima"
PRATA — MG.

CLUBES DE LEITURA
"VOVÔ FELICIO"

Classe: 4.º ano
Prof.ª Louize Moreira
Grupo Escolar "Conego Maria"
TRÊS PONTAS — MG.

Classe: 3.ª série
Prof.ª Djanira Gomes
EE. RR. de Taruaçu
TARUAÇU — MG.

Classe: 4.º ano primário
Prof.ª Cornélia Terezinha de Lima
Externato "Santo Antônio"
UBERLÂNDIA — MG.

Classe: 4.º ano n.º 18
Prof.ª Laura Coelho de Oliveira
Grupo Escolar "N. S. do Patrocínio"
VIRGINÓPOLIS — MG.

Classe: 4.ª série
Prof.ª Maria do Carmo Ferraz
Grupo Escolar "Dr. Macedo Soares"
VISCONDE DO RIO BRANCO
— MG.

Classe: 3.º ano
Prof.ª
Grupo Escolar "Lia Salgado"
ARAXÁ — MG.

Classe: 3.ª série
Prof.ª Maria Helena de Paiva
Grupo Escolar "João Pessoa"
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 3.ª série
Prof.ª Ondina Antunes
Grupo Escolar "Pres. Antônio
Carlos"
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.ª
Grupo Escolar "Tomás Brandão"
BELO HORIZONTE — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.ª Hilda da Silva Rezende
Classe: 3.º ano
Grupo Escolar "Cel. J. J. de Souza"
BICAS — MG.

Classe: 4.ª série n.º 5
Prof.ª Terezinha Lacerda
EE. RR. "Dr. José Lima
Guimarães"
BRUMADO DE PITANGUI — MG.

Classe: 4.ª série
Prof. Venturina Prado Canaan
Grupo Escolar "Cel. Joaquim S.
Guimarães"
CLÁUDIO — MG.

Classe: 4.ª série
Prof.ª Madalena de Paula
Escolas Reunidas "Vicente de Paula
Fraga"
Município de São Domingos
VARGEM LINDA — MG.

Classe: 4.ª série n.º 7
Prof.ª Maria de Paiva
SENHORA DE OLIVEIRA — MG.

Classe: 3.ª série
Prof.ª Terezinha Siqueira Vilela
SERITINGA — MUN. DE
SERRANOS — MG.

Classe: 3.º ano n.º 6
Prof.ª Alzira Pena
Grupo Escolar "Melo Viana"
SÃO LOURENÇO — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Antonia Ubaldo da Silva
Brasil
Grupo Escolar "Alvaro Giesta"
SÃO GERALDO — MG.

Classe:
Prof.ª Adenice Dias de Castro
Escolas Reunidas de Ponte de
Paraúna
Município de Curvelo
PONTE DO PARAÚNA — MG.

Classe: 4.º ano n.º 18
Prof.ª Zelia Esther Toledo
Grupo Escolar "David Campista"
Rua Mato Grosso, 110
POÇOS DE CALDAS — MG.

Classe: 3.ª série primária
Prof.ª Glycia Penna
Escola Normal "Santa Ângela"
PARAISÓPOLIS — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Dalila Alves
Grupo Escolar "Honorato Borges"
PATROCÍNIO — MG.

Classe: 4.ª série n.º 13
Prof.ª Elvira Gontijo de Vasconcelos
Grupo Escolar "Frei Orlando"
MORADA NOVA DE MINAS
— MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Maria Cortes Macedo
EE. RR. "São Rafael"
LUZ — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.ª Maria Dias Cândido
Grupo Escolar "João Monlevade"
JOSÉ BRANDÃO — MG — Caeté.

Classe: 4.º ano
Prof.ª Ilma Alves Pereira
Grupo Escolar "João Dornas Filho"
Bairro Mirante — ITAÚNA — MG.

Classe: 3.º ano primário
Prof.ª Maria Adelaide Falcão
Grupo Escolar "Teodomiro Santiago"
ITAJUBÁ — MG.

Classe: 3.ª série
Prof.ª Leticia da Conceição
Escola Rural de Ibitira
IBITIRA — MG.

Classe: 3.º ano
Prof.ª Enaura Maria Pinheiro
Grupo Escolar "Prof. Joaquim
Rodarte"
FORMIGA — MG.

Classe: 4.º ano
Prof.ª
Classes Anexas à Escola Normal
"Francisco Campos"
DORES DO INDAIÁ — MG.

SESINHO

Revista Infantil Mensal

Diretor:
VICENTE GUIMARÃES

Gerente:
FERNANDO CESAR A. MORAIS

Propriedade do
SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
(Departamento Nacional)

REDAÇÃO:
Rua México, 31 — 9.º andar
Sala 902

Tel.: 52-9844

RIO DE JANEIRO

Revista da criança inteligente

Preço do exemplar: Cr\$ 5,00

Assinaturas:

| | | | |
|-------|---|---------------|-------------|
| Sem. | { | porte simples | Cr\$ 30,00 |
| | | registrada | Cr\$ 60,00 |
| Anual | { | porte simples | Cr\$ 60,00 |
| | | registrada | Cr\$ 120,00 |

Este é o número 142 da revista SESINHO
edição de 1.º de outubro de 1959

Impressa por S. A. I. B. — Sociedade Anônima
Impressora Brasileira — São Paulo — Rio

Tiragem deste número 100.000 exemplares

**TÔDA CORRESPONDÊNCIA SÔBRE ASSINA-
TURAS — REMESSA DE DINHEIRO, PEDIDOS
E RECLAMAÇÕES — DEVE SER ENVIADA AO
GERENTE DA REVISTA SESINHO E NÃO AO
DIRETOR. A ÊSTE SÔMENTE OS ASSUNTOS
DE REDAÇÃO.**

Parque de diversões

RESPOSTAS CHARADAS

- | | |
|------------------|-------------|
| 1 — Tubarão | 6 — Jacaré |
| 2 — Matemática | 7 — Abacate |
| 3 — Rodopia | 8 — Cabelo |
| 4 — Pôrto Alegre | 9 — Retalho |
| 5 — Regato | 10 — Tereza |

PROVÉRBIO FIGURADO

Um amor para cada um
AS TRÊS MENINAS

Minas Gerais — Amazonas — Rio Grande do Sul

O GATINHO GULOSO

(Continuação da pag. 27)

— Que petisco saboroso! É toucinho de primeira! Não posso perder tempo pois a Benedita pode chegar a qualquer momento... Vou comê-lo... e... já! Bem depressa.

(Come um pedacinho, levanta a cabeça e exclama):

— Que delícia!

(Dá um estalo com a língua).

— Como está macio!

(Abaixa a cabeça e continua comendo até acabar com o toucinho. Levanta-se e dirige-se para o meio do palco):

— Ah! Agora sim! Nunca me fartei tanto como hoje!... (Cambaleando)

— Mas... o que é isto? Eu vejo a casa rodar... Estou ficando tonto... tonto... o toucinho era grande, comi demais... Ai... ai...

(Cai gemendo).

SEGUNDO ATO

O PESADELO DE ROMÃO

(Cortina fechada. Polichinelo volta).

Polichinelo:

— Romão comeu demais! Caiu num sono profundo. Coitado! Como ronca!

(Ouvem-se os roncos do gato).

— Que pesadelo! Ele está sonhando... sonhando... Como será o seu sonho?

(Abre-se a cortina. Romão está deitado e ronca muito alto. Aparece um rato gigante. Quando o vê, dá uma gargalhada e exclama):

RATÃO: (Rindo) Ah!... ah... ah... ah... ah... ah... ah... ah... ah... ah... Este é o Romão?!!! O gato endiabrado que não dá sossego à gente? Espere aí, seu maroto, já lhe dou o castigo que merece! Uma boas dentadas nas orelhas! Isso mesmo!

(Aparece outro rato maior ainda, que pergunta admirado):

SEGUNDO RATÃO: — Que é isto, Ratão?!! Ah! É o Romão? Que aconteceu com êle? Vamos jogá-lo naquele buracão lá no fundo do quintal.

(Os dois ratos empurram Romão para o fundo do palco. Ouve-se o barulho da queda do corpo. Voltam correndo e fogem. Surge, no lado contrário, um porco enorme, grunhindo e olhando para baixo, na direção do buraco, querendo pular lá dentro).

— Romão, que é feito do meu toucinho, Romão? Que é feito do meu toucinho?

(Fecha-se a cortina).

Polichinelo volta:

— Romão muito aflito com medo do porco acordá assustado.

(Abre-se a cortina rapidamente)

(Romão acordá sobressaltado e dá um pulo).

— Arre!... Graças a Deus! Inda bem que foi um sonho. É que sonho! Nunca mais hei de ser guloso!

(Fecha-se a cortina)

(Polichinelo à frente da cortina, fazendo ligeira inclinação diz):

Até outra vista, caros meninos. Depois eu voltarei para contar a vocês outra história.

F I M

FABULAS

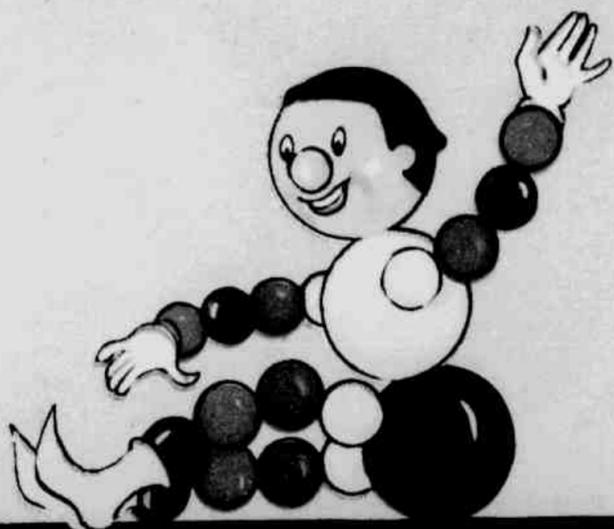
DE ESOPO
MODERNIZADAS

por Joselito



O LEÃO e o RATO





ALEMANHA

Foi com muito prazer que João Bolinha conheceu a Alemanha de após guerra; apenas, ficou um tanto curioso, quando soube que estava dividida em duas — Alemanha Ocidental (capital, Bonn) e Alemanha Oriental (Capital, Berlim). A primeira, com uma área de 245.102 Km², e, a outra, com 108.694 Km². J. B. impressionou-se com o ressurgimento da Alemanha. Conheceu os seus principais produtos — cereais, inclusive o lúpulo; hulha, ferro, aço, chumbo, cobre e outros minerais, concentrados na bacia do Rur e no Saar. Estêve nas cidades de Leipzig, Munich, Colônia (às margens do rio Reno, aonde existe uma famosa catedral gótica e a conhecida água de Colônia), Francfort, os portos de Hamburgo e Bremen, e, ainda, os rios Elba, Reno e Weser. Penetrou na Floresta Negra, tornou-se amigo dos parques de Postdam e estêve nas ilhas de Rugen e Useidom. Passeou de barco pelos lagos Constança, Wurm e Chiem, admirando belas paisagens. J. B. fêz muitos amigos entre os 71.518.249 habitantes da Alemanha.

